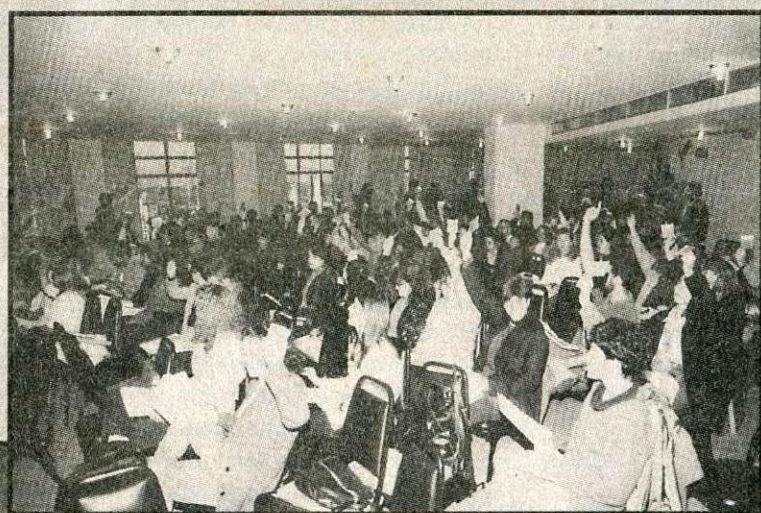


II Congresso

Regional

da Psicologia



Propostas aprovadas indicam necessidade de que profissional leve em conta a realidade social ao exercer a psicologia.
Págs. 8 a 10



Psicólogos condenam práticas ultrapassadas

Orientação

Conselheiros respondem a questão levantada por psicólogos: o tratamento psicológico pode se tornar um impasse financeiro?
Pág. 16

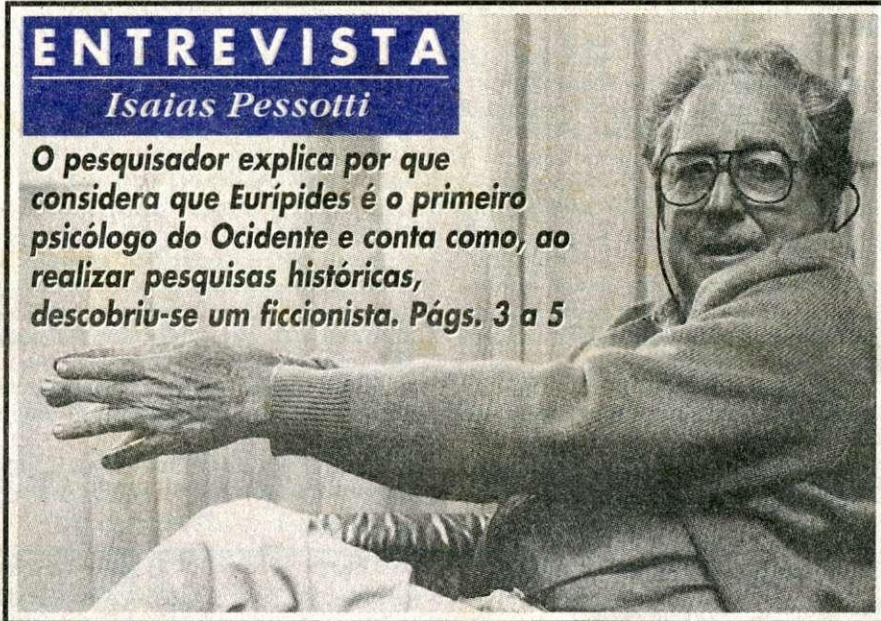
Recadastramento

Profissionais que trabalham com pesquisa são os que mais procuram a formação pós-graduada.
Págs. 12 e 13

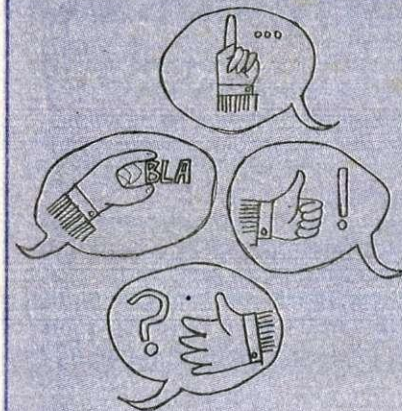
ENTREVISTA

Isaias Pessotti

O pesquisador explica por que considera que Eurípides é o primeiro psicólogo do Ocidente e conta como, ao realizar pesquisas históricas, descobriu-se um ficcionista. Págs. 3 a 5

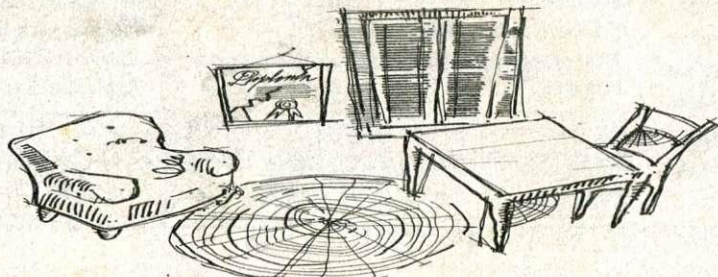


DEBATE



Candidatos à Prefeitura de São Paulo participam de discussão com psicólogos. Serão debatidas as diretrizes para a política de saúde mental da próxima administração municipal.
Pág. 7

Mercado de trabalho



Profissionais que não trabalham com a psicologia contam por que abandonaram a profissão.
Págs. 10 e 11

EDITORIAL

A psicologia e as políticas sociais

No Brasil, o mês de agosto é tradicionalmente associado à expectativas de turbulências no campo político ou econômico. Este ano parece não existir nenhuma nuvem negra prestes a desabar imediatamente sobre as cabeças. No entanto, estão acontecendo fatos importantes que podem interferir na vida dos brasileiros. Não se trata de uma solução traumática de uma crise mas de um processo articulado por agentes econômicos e sociais na tentativa de eliminar os avanços incorporados à Constituição de 1988, e que apresentam como consequência da contínua concentração de renda um progressivo aumento de miséria e exclusão social.

As eleições municipais de outubro, por exemplo, colocam em evidência o quanto as diferentes concepções políticas sobre a relação entre sociedade e Estado estão interligadas com o cotidiano da população. Temos duas grandes tendências: de um lado estão aqueles que defendem que o Estado assuma seus deveres como garantidor de direitos mínimos de cidadania, conforme estabelece a

Constituição de 1988. E, de outro lado, encontra-se a concepção neoliberal que prega ser a mão invisível do mercado a grande força de organização da sociedade. O significado deste pleito, portanto, ultrapassa as fronteiras dos temas municipais.

No que se refere especificamente aos psicólogos, o momento também é significativo. O II Congresso Nacional da Psicologia, a ser realizado de 28 de agosto a 01 de setembro, em Belo Horizonte, vai debater aspectos importantes da vida profissional, aspectos esses estreitamente ligados às questões nacionais. A maioria das teses encaminhadas ao Congresso Nacional da Psicologia expressam a vinculação da profissão com as ações ligadas a políticas sociais (saúde, educação, assistência à infância e adolescência etc) e a preocupação com a garantia dos direitos de cidadania.

A realidade do exercício profissional foi historicamente determinada por dois fatores: a adoção de políticas educacionais, que produzem um número de profissionais muito maior do que as necessidades da população e com baixa qualificação, e a

ausência de políticas públicas comprometidas com a prestação de serviços à população. A melhoria das condições de trabalho dos psicólogos depende, portanto, do controle da formação e da ampliação dos serviços que devem ser prestados pelo Estado com garantia de acesso para toda a população.

Na área da saúde o momento é importante devido à proximidade da realização da X Conferência Nacional de Saúde. Desde a VIII Conferência Nacional de Saúde, realizada em 1986, os esforços são dirigidos para a construção de um sistema de assistência efetivo e democrático. Hoje essa meta passa pela implantação definitiva do Sistema Único de Saúde. Os psicólogos têm participado das conferências estaduais e participarão da Conferência Nacional que se realizará em Brasília em novembro deste ano. Devem, portanto, somar forças com outros setores democráticos na defesa do acesso universal à saúde.

Em São Paulo o enfrentamento das duas concepções referidas no início deste editorial é bastante evidente. A

concepção neoliberal se mostrou de forma incisiva, abrindo o caminho para a privatização dos serviços de saúde através do PAS. Apesar das contestações de todas as ordens, até mesmo judiciais, a Prefeitura tem tentado, através de todos os meios e recorrendo até mesmo a pressões ilegítimas e ações truculentas, desmontar o sistema público de saúde. Isso tem implicado em prejuízos para a população que recorre aos serviços e também para os profissionais da saúde, principalmente para aqueles que se negam a aceitar a degradação dos serviços assistenciais imposta pelo PAS. Esses profissionais que, por compromissos éticos, resistem na prática à implantação do neoliberalismo, têm pago por sua ousadia sendo deslocados de seus postos de trabalho e até mesmo de suas funções. Algumas dessas situações implicam em humilhações pessoais como está sendo noticiado nesta edição do *Jornal do CRP* à página 12. Esses psicólogos merecem não apenas a solidariedade de toda a categoria como também ser os homenageados no Dia do Psicólogo deste ano, que se "começará" em 27 de agosto.

CARTAS

HOSPITAL PSIQUIÁTRICO PILAR DO SUL

Referente à reportagem veiculada pelo *Jornal*, em sua edição nº 98, a respeito da Luta Antimanicomial, o Hospital Psiquiátrico Pilar do Sul posiciona-se:

O Hospital Psiquiátrico Pilar do Sul é uma entidade particular, conveniada ao S.U.S., que se destina ao tratamento de pacientes portadores de doenças e distúrbios psiquiátricos, do sexo masculino, sem ônus aos mesmos ou a seus familiares.

Conta atualmente com 540 internos (...) 240 são pacientes de faixa etária mais avançada, egressos principalmente de Franco da Rocha.

Nosso Hospital vem sofrendo modificações, tanto em nível físico, quanto na reformulação do projeto terapêutico, quando isso se faz necessário. A direção procura, através de uma equipe multidisciplinar, proporcionar uma melhor qualidade de vida para a população aqui inserida, capacitando-a para

a execução de algumas tarefas, de acordo com suas aptidões e limitações, evitando a cronificação e a ociosidade, procurando reabilitá-la e reintegrá-la à família e a sociedade.

(...)

Ao contrário do que foi amplamente difundido pelos canais de comunicação, de forma distorcida, por ignorar o nosso trabalho e/ou por não ter interesse em que o mesmo fosse conhecido, e reconhecido ("O que é bom, não dá IBOPE", segundo palavras de alguns integrantes da equipe, em visita ao Hospital, no dia 21/03/96), a diretoria, a administração e a equipe técnica, pensando no bem estar dos pacientes, vêm realizando atividades no dia-a-dia, e, repensando a prática profissional.

De acordo com a nossa ética e postura profissionais, jamais seríamos coniventes com as absurdas práticas divulgadas. Acima de tudo, somos seres Humanos, convivendo com os seres humanos, e, a nossa

realidade é permeada por respeito e consciência do nosso Trabalho. Nos colocamos, inclusive à disposição dos senhores leitores, para quaisquer esclarecimentos.

A Equipe Técnica

NOTA DA REDAÇÃO:

O *Jornal do CRP* procurou o assessor de saúde mental do Estado, Elias Monteiro Lino, para esclarecer a questão mencionada na carta acima, tendo recebido a seguinte resposta: "O Hospital Psiquiátrico Pilar do Sul não conseguiu capacitar-se para permanecer credenciado ao SUS após diversas avaliações realizadas pela SES até setembro de 1995. Recoreu então ao Ministério da Saúde que, em outubro de 1995 concedeu "classificação" condicionada à mudança de seu caráter para atendimento de deficientes mentais, com consequente redução de leitos.

A manutenção do seu credenciamento dependia, então, da realização de mudanças

na área física, adequação dos recursos humanos e desenvolvimento de projeto terapêutico adequado à sua clientela.

Na reavaliação feita pela SES em abril de 1996, constatou-se que as transformações exigidas não foram realizadas, permanecendo o hospital em condições inadequadas tanto para o atendimento em psiquiatria como para deficiência mental.

Dessa forma, a SES decidiu pelo descredenciamento do hospital, estabelecendo cronograma para a realização das altas possíveis e a transferência dos pacientes que necessitem permanecer internados."

As cartas à redação devem ser enviadas datilografadas, para a sede do CRP, à Rua Borges Lagoa, 74 - Vila Mariana - CEP 04038-004 - São Paulo - SP. Por uma questão de espaço serão publicadas resumidamente, a critério da redação.

Conselho Regional de Psicologia

Conselheiros:

EFETIVOS: Augusto Sérgio Callile, Cláudia M. Sodrê Vieira, Cláudia Medeiros de Castro, Cristina Amélia Luzio, Erane Paladino, Floriano Nuno de Barros Pereira Filho, José Alberto S. Correia, Marcos Colen, Maria Costantini, Maria Cristina Pellini, Nelson D'Angelo Ribeiro, Othon Vieira Neto, Rosalice Lopes, Sérgio Luiz Braghini e Sidnei Celso Corocine **SUPLENTES:** Ana Maria R. de

Carvalho, Ana Maria A. Melo, Anita Cecília Lofrano, Armando de Freitas Pinho, Cassia Regina Rodrigues, Cassio Rogério D. Lemmos Figueiredo, Dayse Cesar Franco Bernardi, Glória E. B. Pires von Buettner, Helena M. C. de Moura Hirye, José Roberto Tozoni Reis, Leny Sato, Luiz Humberto Sivieri, Nilma Renides da Silva, Roberto Moraes Salazar e Sonia M. Carrijo D'Angelo Ribeiro

O Jornal do CRP é uma publicação oficial do Conselho Regional de Psicologia - 6º Região

Equipe Editorial: Marcos Colen, Sérgio Braghini e José Roberto Tozoni Reis

Editora: Juliana Motta

Texto: Juliana Motta e Dinorah Ereno

Revisão: Dinorah Ereno

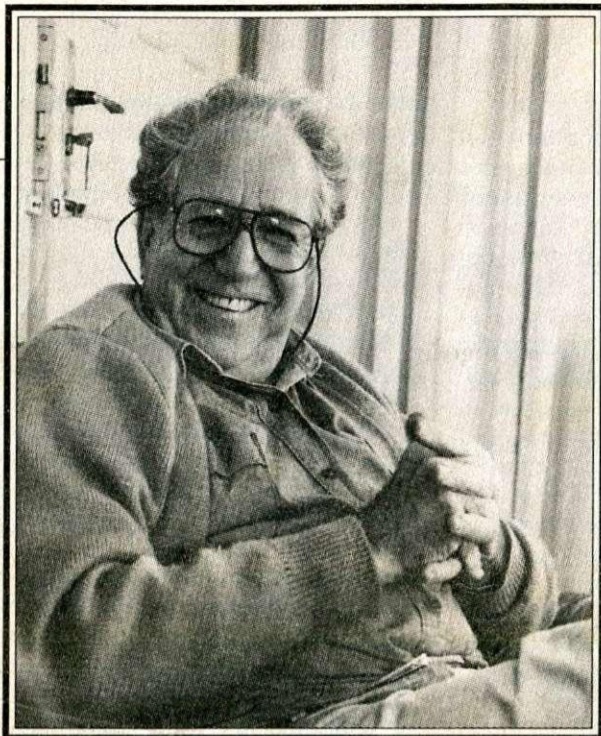
Diagramação e Editoração Eletrônica: Digital Artes Com. e Edit. (011) 605-6098
Impressão: Bangraf
Tiragem: 38.000 exemplares
Periodicidade: Bimestral

Sede:

Rua Borges Lagoa, 74 - São Paulo - SP - CEP: 04038-004
Fone: (011) 574-7133 - Fax: (011) 575-0857

ENTREVISTA

Isaias Pessotti

Escavador
de
conceitos

Márcia Zoet

Isaias Pessotti começou sua vida profissional tentando verificar se os ratos podiam perceber o movimento estroboscópico, a partir do qual se formam as imagens do cinema, como um movimento real. De lá para cá não parou mais de formular perguntas que o levaram a lugares da ciência e da história às vezes pouco convencionais a um cientista. Hoje é um bem-humorado indagador que se diverte entrando no fluxo da história em busca da transitoriedade dos conceitos. Mas para chegar a isso necessitou compreender que a beleza da ciência é a efemeridade que a faz crescer continuamente, o que, segundo ele, só foi possível, porque viveu até as últimas consequências a angústia de ser um cientista.

A necessidade de encontrar respostas satisfatórias às suas interrogações caracterizou sua trajetória profissional da filosofia à psicologia, desta à história e finalmente à ficção. Durante o percurso, fez incursões pela fisiologia, que define como a "caixa-preta" da psicologia, em busca de uma compreensão profunda sobre a ansiedade. Descobriu, porém, que o assunto também era um mistério para a medicina e resolveu voltar à filosofia para buscar explicações no desenvolvimento do pensamento humano. Ao fazê-lo, descobriu-se um "escavador" da psicologia e começou a se interessar pelo trajeto dos conceitos através dos tempos. Pesquisou o reflexo, a deficiência mental e, recentemente, a loucura. Nesta entrevista ele fala de suas pesquisas e descobertas e de como foi encontrando os caminhos para aprofundar suas buscas.

CRP - Como foi a trajetória profissional do senhor, da filosofia à psicologia?

Isaias - Eu estudei na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, na rua Maria Antônia, de 1952 a 1955. Não havia curso de psicologia. Havia muita psicologia, e boa, nos cursos de filosofia, pedagogia e ciências sociais. No fim do curso fui convidado a continuar colaborando com a faculdade. Fiquei trabalhando lá por um ano e fui para o Centro Regional de Pesquisas Educacionais (CRPE), onde havia duas divisões, uma

de pesquisas educacionais e outra de pesquisas sociais. Fiquei quatro anos no setor de pesquisas educacionais, coordenado pelo Joel Martins. Depois passei para as pesquisas sociais, cujo setor era coordenado pelo Fernando de Azevedo.

Quando saí do CRPE a professora Carolina Bori tinha acabado de montar a escola de psicologia de Rio Claro, dentro de pedagogia. Eu fui para lá. Depois levamos a Geraldina Viter. Fizemos a primeira experiência de instrução programada em psicologia, que não aconteceu em Brasília, como consta. A experiência que houve depois em Brasília foi mais sistemática, com mais recursos. Mas o primeiro esforço de respeitar os princípios básicos da instrução programada foi em Rio Claro, e quem fez foi Geraldina e eu, com o apoio da Carolina Bori.

No início da década de 60, ganhei uma bolsa de estudos em filmologia, em Milão. Mas o que eu ia fazer em filmologia? Então propus verificar se os ratos eram

capazes de perceber o movimento estroboscópico como movimento real. Fiz um experimento que ficou bonito e deu muito impacto. Então me convidaram para lecionar na universidade. Só que eu tinha compromisso em Rio Claro.

Antes de voltar para Rio Claro, fui convidado pela Carolina Bori para ir para a Universidade de Brasília (UnB). Ela, junto com um grupo de profissionais, estava montando um departamento de psicologia naquela universidade em 1964, ou seja, em plena ditadura. Lá montamos um lindo departamento. Nós dávamos psicologia para músicos, arquitetos, filósofos, engenheiros etc. Era um belo trabalho, uma equipe muito boa.

Em 1965 a repressão bateu forte na UnB. Ficamos sitiados e para dar comida e água para os ratos eu ia num jipe com dois soldados de metralhadora. O campus estava cercado por tanques e caminhões militares. Estávamos fazendo uma greve geral. Mas, como a repressão

não deixava passar nada para a opinião pública, a solução que encontramos para tentar provocar uma repercussão internacional sobre a situação no país foi a demissão coletiva. No mesmo dia quase 300 professores, o que era praticamente todo o corpo docente, pediu demissão.

Com isso voltei para Milão e comecei minha carreira, em 1966. Lá, como aqui, os primeiros psicólogos eram filósofos e médicos. Ainda não havia o curso de psicologia na universidade de Milão, mas uma especialidade recém-criada para filósofos e médicos que quisessem se tornar psicólogos. Lecionei para essa primeira escola, que se chamava Escola de Especialidade.

Em 1967 o Carlo Herba, um enorme grupo farmacêutico que havia na época, me convidou para montar um laboratório de farmacologia. Lá me deram excelentes condições. Com isso eu fiz nome como pesquisador e como professor e comecei a receber mais convites.

Em 1968 eu voltei, em 1969 fiz o meu doutoramento sobre abelhas e voltei para a Itália, onde ajudei a formar outra turma de especialização. Em 1972 dei o meu último curso na Itália, para a primeira turma de graduação, e vim para Ribeirão Preto, de onde não saí mais. Desde então tenho lecionado Introdução à Psicologia para as turmas de medicina em Ribeirão.

Quando fiz a tese sobre abelhas, tornei-me muito badalado. Nesse período entrei em crise e me perguntei: o pessoal está morrendo de câncer, enfarte, suicídio, ansiedade. Eu não posso fazer nada como cardiologista ou como cancerologista, mas

"Na Itália, como aqui, os primeiros psicólogos eram filósofos e médicos"

ENTREVISTA

"O aluno quer diploma para ter uma profissão e pede que se corte o quanto possível o tempo do curso"

posso fazer alguma coisa sobre ansiedade. E comecei a estudar ansiedade para valer. Eu já dominava a análise experimental e fiquei sete anos trabalhando com os ratos, procurando um modelo bom. Mas não achei. Então decidi fazer fisiologia porque essa era a nossa caixa-preta, o que nós não conhecíamos. Fiz três cursos em nível de mestrado e um em nível de doutoramento. E descobri que a caixa-preta deles é maior que a nossa. A fisiologia não sabe definir o que é sede, embora seja um conceito básico, e nós imaginando que eles vêm preencher o nosso vazio.

Aí eu me agarrei à minha velha fisiologia do século 17 etc. Num certo momento, com o que eu sabia de fisiologia, de análise experimental e de história, das alusões na filosofia à ansiedade, eu acabei formando uma teoria da ansiedade. Essa ansiedade, definida com ou sem esse nome pelos estóicos, pelos existencialistas de hoje ou em qualquer momento da história do pensamento, tem certos conteúdos invariantes que independem de perspectiva de análise, de época e de geografia. Implica sempre quatro condições bem definidas: incerteza, sofrimento, impotência e algum modo de inesperado total. A minha tese de livre-docência foi um trabalho teórico sobre o que seria a ansiedade.

Na escavação da ansiedade eu me diverti com a arqueologia das idéias e comecei a fazer análise histórico-crítica de conceitos. E com isso me virei para a história da psicologia. Aí acabei escrevendo vários livros. Já havia escavado o conceito de reflexo, por ocasião da segunda bolsa italiana. Fiz o mesmo com a ansiedade, com a deficiência mental e com a loucura, recentemente.

Também em 1978, a Carolina Bori dirigia o curso de psicologia na Universidade Federal de São Carlos. Nesse ano nós começamos uma pós-graduação em educação especial. Uma pós-graduação modelo de montagem, porque conseguimos seguir critérios muito bons. Montamos uma formação de especialistas em educação especial.

No Brasil, comumente, usa-se de estratégias muito oportunistas e descompromissadas para montar os cursos. E os critérios para o seu funcionamento também são muito aleatórios, cada um pode dar o que quiser para o aluno. Isso é uma maneira irresponsável de montar uma pós-graduação. Mas é assim em quase todas

as pós-graduações que nós temos.

Na minha opinião, para se montar uma pós-graduação é preciso pesquisar quais são as carências daquilo que nós sabemos fazer na área. O que a sociedade precisa? E, depois, que atuação faz frente a essas carências? E que conteúdos didáticos dão essa formação? Definidos os conteúdos didáticos, que pessoas são boas para dar esses conteúdos? Agora sim nós vamos convidar as pessoas. E montar a pós-graduação. O que se faz é exatamente o inverso.

CRP - Essa estratégia tem provocado uma grande lacuna na formação dos profissionais que estão saindo para o mercado. Como isso tem influenciado a atuação dos profissionais que temos hoje no mercado?

Isaias - Acredito que, cada vez mais, a escolha profissional é imposta pelo mercado. O aluno quer diploma para ter uma profissão e pede que se corte o quanto possível o tempo do curso. Não há mais, nos preparados para a atividade profissional. A ênfase na profissionalização, que é o que o aluno quer - e quer porque não sabe o que está perdendo -, o torna um aplicador de técnicas. Conhecendo apenas técnicas, aqueles testeinhos que aprendeu na graduação, como ele pode cuidar de uma fobia ou de um desajuste emocional na escola? Ele vai, de certa maneira, torcer a realidade do caso para enquadrá-lo naquilo que sabe fazer. E mais, na linha que ele aprendeu a trabalhar. Ou seja, torna-se um profissional que ajusta a evolução do caso à sua competência, o que é mau.

O que me preocupa mais nessa tendência tecnificante da formação do psicólogo é o fato de que isso já está num processo de cascata. Hoje, o corpo docente que toma decisões não teve filosofia na sua graduação. Os diretores de faculdade de psicologia, hoje, provavelmente não tiveram filosofia. Quer dizer, os que decidem já são formados numa visão tecnificante. E os alunos não querem saber dessa mudança. O aluno diz que precisa de filosofia, mas não quer gastar horas com isso, como gastaria com

um rorschach ou com uma técnica de grupo. Ele sente a carência de uma formação mais rica, mas não quer investir nisso, porque a urgência é outra. Ou, na avaliação deles, isso pode ser adquirido depois por autodidatismo, o que é uma ilusão, porque na hora em que ele entrar no mercado ele não vai ter tempo para nada.

O profissional deve ser capaz de enxergar o mundo e crescer com seu trabalho. Senão ele fica só apanhando a cada vez que a coisa não funciona. Portanto, a profissionalização forma para a eficácia limitada, a casos que se encaixem naquela formação específica. Fora disso ela é ineficaz.

Além disso, ele torna-se um sujeito infeliz porque gasta quatro anos para quê? Para tornar-se um aplicador daquela técnica e vai sentir-se empobrecido. O currículo tem que ser mudado.

CRP - Em um de seus textos o senhor afirma que a psicologia nasceu em parte ligada à medicina e em parte à educação. Na sua opinião, por que, ao chama-se psicologia clínica. Isso é supersimplificar, mas a atividade clínica é a atividade do médico. Esse é um aspecto. Na realidade a psicologia se coloca como terapêutica. Ela foi montada como um conjunto de técnicas de cura de doenças psicológicas. E acho que o psicólogo clínico não gostaria, exceto o behaviorista, de ser chamado de educador. Ele gosta de ser o que cura neuroses, fobias, psicoses.

Existe um certo complexo de inferioridade do psicólogo em relação ao médico. Isso começa pela visão do problema psicológico como doença. Então a psicologia clínica é terapia. Isso é uma visão médica.

Por outro lado, nas outras áreas, como a psicologia escolar, ou a industrial, por exemplo, há pouca procura pelo psicólogo. A nossa escola está jogada às traças, então o psicólogo não é requisitado por ela, exceto por algumas instituições privadas, geralmente de ponta. Como a educação é apenas arroz-com-feijão, e não é formação, o psicólogo torna-se dispensável. Então, para que formar psicólogo escolar para ficar desempregado?

"A escola deve responder às carências sociais. Senão ela forma um psicólogo para uso e gozo de si mesmo."

O mesmo raciocínio vale para a indústria. As funções que o psicólogo antes fazia na indústria, hoje as máquinas, o administrador de pessoal fazem. O ajustamento do homem à máquina, ou o da máquina às possibilidades do homem, que seria o aspecto mais fascinante da psicologia industrial, chamemos de ergonomia, não tem mercado no Brasil. Existem poucos professores capazes de ensinar isso na graduação de psicologia. Então a nossa psicologia industrial forma gerente de pessoal de uma empresa. A indústria tem gente mais preparada para fazer esse trabalho sem as angústias que o psicólogo leva e cria. São profissionais feitos pela escola de administração. Então o psicólogo está cada vez mais dispensável na indústria, principalmente nessa indústria do capitalismo predatório, que tira o suco do operário e não só do ambiente.

Há ainda outro aspecto. Tanto a indústria quanto a escola implicam vínculo empregatício com o patrão. Esse patrão, no caso da escola, é o Estado, que está falido. O resultado é que sobra a clínica, primeiro porque tem mercado, cada vez menor, mas tem mercado. A situação sócio-cultural, sócio-econômica, se eniso a contingência da faculdade de formar alunos para onde eles vão se virar.

CRP - Nós temos dados segundo os quais dos psicólogos que se formam aproximadamente 50% não se registram no Conselho porque não têm expectativa de vir a trabalhar. Dos registrados, 70% atuam na profissão. Portanto, podemos dizer que 35% dos formados trabalham. E, desses, metade trabalha apenas 20 horas por semana. Ou seja, na realidade, o aluno faz o curso mas não vai ter como trabalhar. Como enfrentar essas questões?

Isaias - Isso ocorre porque os cursos não levam em conta o que a sociedade está precisando. Isso tem uma implicação muito séria, porque de um lado vai faltar emprego e de outro formam-se psicólogos desajustados ou supérfluos. O ideal seria que a criação de cada curso fosse precedida de pelo menos uma reflexão sobre para que se está formando esse psicólogo. Não para que empregos existem para ele. A escola deve responder às carências sociais. Senão ela forma um psicólogo para uso e gozo de si mesmo. Por que não, também? Mas isso é um luxo.

Mas como transformar as direções que a sociedade aponta em currículo e em prática didática formativa? É um problema. Para fazer isso seria necessário um psicólogo formado à maneira antiga, com filosofia, crítica, teoria, história da psicologia, um sujeito capaz de enxergar as tendências e calibrar o currículo em função disso. Eu não quero dizer que a filosofia redime, mas qualifica o sujeito com um repertório diferente de critérios.

CRP - Vamos tomar alguns dados como ponto de partida. No Estado de

ENTREVISTA

São Paulo, formam-se 4.000 psicólogos por ano. Temos uma capacidade de absorver uma média de 500 profissionais por ano. Quer dizer, estamos formando gente demais e com uma formação que não qualifica para nada. Por outro lado, hoje se fala em avaliar escolas. Como o senhor acha que isso poderia ser feito?

Isaias - O governo é omissivo em coisas urgentes e sérias. Não se pode contar com ele para uma disciplina, para uma triagem da qualidade das escolas. Segundo, sem o apoio, decisão política de fechar as arapucas, o que pode fazer um órgão de classe? Acredito que o melhor serviço que um órgão de classe poderia prestar à sociedade seria proceder a uma avaliação criteriosa dos cursos, com método público. E publicar essa avaliação. Dessa forma, não se tolhe a liberdade de ninguém e o órgão exerce o seu papel de medidor da qualidade. Isso pode produzir mudanças.

Não é necessário acusar ninguém, apenas fazer uma avaliação a partir de critérios objetivos. Por exemplo, quantas horas são dadas de treino, quantos professores têm com nível tal, quanto tempo eles dedicam à universidade, quantos professores dão mais de doze horas em outra escola etc. São critérios objetivos e concretos, que tornam o Conselho impassível de qualquer suspeita de viés.

CRP - Mudando um pouco o enfoque dessa conversa, como foi para o senhor essa interligação entre psicologia e história? Quando o senhor se descobriu um "escavador" de fatos históricos, isso implicou a necessidade de uma formação em história?

Isaias - A relação entre psicologia e história não representa drama nenhum para mim. Eu estou fazendo escavação na psicologia. Como os conceitos mudam na psicologia. Eu colho dados, alinhavo e os apresento para alguém discordar se quiser. Se sou historiador, não me preocupa. Se os historiadores gostam, não me preocupa. Eu estou divulgando informação boa, analisada e com critérios de análise explícitos para alguém não adotá-las se não quiser. Quando eu digo que Pinel pensa assim, está lá o dado que me permitiu dizer que ele pensa assim. São citações enormes, uma atrás da outra, desavergonhadamente transcritas.

Eu aprendi, com o behaviorismo, que o dado que serviu de referência tem que ser posto como ele é e o critério que foi usado para ler esse dado tem que ser dito. De maneira que a minha interpretação da curva, do gráfico ou do pensamento de Pinel possa ser contestada, porque o dado está explícito. Essa exigência de replicabilidade do juízo é que torna um trabalho científico. Não é a precisão, não é o rigor de medida. É a repetibilidade da medida, com ou sem rigor. O compromisso de qualquer profissional é com a cientificidade. Você pode fazer um péssimo experimento e ter errado em várias coisas. Mas se você relata honestamente o que fez, eu vejo o seu viés, então a sua experiência me serve.

Outra coisa que me descontrai nessa si-

tução é o fato de que minha consciência é cada vez maior de que a ciência se faz para ser comida amanhã, por ela mesma. A história me dá essa aceitação tranqüila da transitoriedade. E procurar essa transitoriedade dos conceitos é muito divertido, porque se entra dentro do fluxo histórico e não se tenta capturá-lo artificialmente num momento. A beleza da ciência é essa efemeridade, porque é através disso que ela está crescendo continuamente.

Quando se faz história, essa transitoriedade da verdade e dos critérios de medida de validade não aparecem como limitação, mas como aquilo que você quer realmente achar. É muito tranqüilizante e divertido mostrar como as verdades vão se sucedendo, sabendo que a sua interpretação amanhã vai ser comida.

Quando se quer ser cientista experimental, o objetivo é chegar à verdade. Quanto mais imaturo, mais o profissional acredita que vai demonstrar uma relação entre a verminose e a aprendizagem escolar que deve valer para os próximos trinta anos. Por outro lado, essa despreocupação com a durabilidade da afirmação, da verdade, é muito salutar, muito gostosa. Por isso talvez eu me divirta mais com história do que me divertia com os experimentos.

CRP - O senhor começou a vida profissional fazendo experimentos. E hoje escreve ficção. Como é que um cientista vira ficcionista?

Isaias - Talvez por ter vivido esse ser cientista até o fim. Eu me angustiei com a transitoriedade das minhas descobertas, das relações encontradas e com a relatividade de tudo. Mudando-se uma variável o resultado é totalmente outro.

Quando o compromisso com a verdade chega a ser existencial, porque angustia não achar uma resposta confiável, percebe-se, necessariamente, a transitoriedade e a relatividade da verdade de cada um. Isso leva para o fato de que outros podem ter achado diferente e amanhã outros podem achar diferente. E com isso percebe-se historicamente a ciência. Então, por que não ver como é que esses processos históricos têm determinado essas mudanças?

Aí você deixa de procurar a verdade do momento e começa a ver a sucessão das verdades. O seu dado agora são as

verdades de cada um em cada época. Ora, quando percebe que um dado, um acidente, o contato com um mestre mudaram a linha de alguém, você percebe que é tudo muito lábil. E quando enxerga isso, você percebe que basta criar um acidente na história de alguém e a trama é outra. Então a passagem para a ficção é muito simples. Por exemplo, pegando-se a trajetória de Cristóvão Colombo, que é histórica, e mudando-se uma informação, a trajetória já vai ser outra. E o autor vai estar fazendo ficção histórica.

Com isso você pode inventar um episódio e, pela lógica, derivar o resto. Então entre ciência, história e ficção não tem fronteira. O ficcionista é aquele que brinca com as possibilidades históricas, quando ele faz ficção histórica. Suponha que você faz Copérnico encontrar Colombo. Colombo achar uma carta de Copérnico. Você pode mudar a descoberta da América.

CRP - E como o senhor descobriu a facilidade para escrever?

Isaias - Eu nunca tinha escrito nem um conto para guardar na gaveta. Um dia eu resolvi escrever um romance. E ganhei o prêmio Jabuti. Eu interpreto isso da seguinte maneira: eu aprendi latim, análise lógica da linguagem, preposição, subordinação. Era bom em tudo isso, mas fazia relatório de abelhas ou de ratos. Portanto, é preciso primeiro ter a formação básica para escrever. Agora, precisa ter coragem para sair da casca. Todo mundo tem um medo inconsciente de escrever.

Eu gostaria de ter feito isso antes, mas não tinha coragem, por patrulhamento de cientista. O cientista tem que vestir a roupa de cientista dia e noite. Não pode fazer outra coisa, assim como o poeta não pode fazer experimento.

Mas também tem outro fato. Eu estava estudando história da loucura e percebi que toda a psicopatologia estava em Eurípides. Fiquei entusiasmado e comecei a ler sobre Eurípides. O pensamento de Pascal está todo lá, e nós esperamos mais de vinte séculos para conhecê-lo. Sócrates e Eurípides eram amigos pessoais e se admiravam. Platão nos passou Sócrates e deixou Eurípides no limbo. Toda a filosofia, a psicologia, o humanismo de Eurípides, ficaram como arte, coisa secundária, porque Platão não gostava de poesia, embora escrevesse em diálogos.

"Eurípides é o primeiro psicólogo do Ocidente. Ele fez uma análise da motivação humana incrível."

Com isso nos privaram de um pensamento existencialista que podia ter germinado junto com o racionalismo e mudado todo o curso do pensamento ocidental. Decisão de Platão. Ou critérios de Platão. Isso é trágico. Eu fiquei louco de raiva com essa injustiça que se fez com Eurípides. Resolvi fazer uma apologia de Eurípides e comecei a escrever.

Falei para o Bento Prado e ele disse que ninguém ia ler. Aí eu resolvi que todo mundo ia ler e decidi que a apologia ia ser feita por um bispo anônimo do Renascimento com um manuscrito encontrado não sei onde e o pessoal começa pelas entrelinhas a procurar quem é o autor. Que se sabe que é um bispo vermelho. E todo mundo, para saber quem é o bispo, vai ler a minha apologia do Eurípides. Foi por desaforo que eu escrevi esse livro.

CRP - Quer dizer que Eurípides é o primeiro psicólogo do Ocidente?

Isaias - Sem dúvida nenhuma. Se você pensar numa visão da sistemática dos modos de comportamento, nas motivações (principalmente as de tipo passional) desses modos como específicas e como a combinação entre motivações de circunstâncias determina as ações e os pensamentos, - e eu chamo a isso psicologia -, é Eurípides. Ele fez uma análise da motivação humana incrível. De como a razão serve à emoção.

A pregação socrática, depois de Spinoza, dizia que o homem perfeito é aquele que controla suas emoções. Mais, a emoção é a parte vil, que produz o erro do conhecimento. O sujeito não pode se emocionar. É o erro ético que leva a fazer besteira.

Eurípides entende a emoção como parte essencial, qualificante do sujeito como homem. Perigosa, capaz de levar a erros, sim. Mas ele mostra que a razão muitas vezes está a serviço da paixão. Mesmo na patologia, como no caso de Medéia. Medéia é lúcida, brilhante, não erra uma. Tem uma lógica perfeita, fria, calculista, ajusta o seu projeto segundo as informações que vão surgindo. É uma perfeita racionalidade. Mas ela é completamente louca.

Essa idéia de que a razão está a serviço da paixão é revolucionária. E foi dita muito antes de Pascal, muito antes do século XVII. Foi no século V antes de Cristo. Agora veja, isso mostra o quanto o modo de ver a psicologia, hoje, veio em função do que nos passaram. De modos de ver.

"O governo é omissivo em coisas urgentes e sérias. Não se pode contar com ele para uma triagem das escolas."

Conferência de Saúde trouxe pequenos avanços



Márcia Zoet

Plenária da 2ª Conferência Estadual de Saúde

A pesar de parte das propostas aprovadas pela 2ª Conferência Estadual de Saúde, realizada em São Paulo no mês de junho, estar de acordo com os princípios estabelecidos pelo SUS e serem contrárias a planos de privatização da saúde, os delegados do CRP-06 consideraram que o evento pecou por falta de preparo de organizadores quanto de participantes. Estas são algumas das conclusões do relatório elaborado pelos psicólogos em reunião realizada no Conselho Regional de Psicologia no dia 17 de julho.

Segundo o relatório, “um dos motivos desse despreparo foi a não realização prévia das Conferências Municipais de Saúde”, conforme o estabelecido em lei. Por esse motivo o aprofundamento de propostas ficou prejudicado e as discussões em grupo foram consideradas repetitivas em relação à 1ª Conferência Estadual de Saúde.

A delegação do CRP-06, a maior em relação a outros conselhos profissionais, considerou também que as propostas defendidas pelo Movimento da Luta Antimanicomial sofreram prejuízos, já que a Conferência priorizou um espaço para discutir a manutenção dos hospitais psiquiátri-

cos. Sobre a questão, causou grande descontentamento a rejeição da proposta que defendia a criação da Comissão Estadual de Reforma Psiquiátrica. Essa iniciativa vem sendo defendida por amplos setores da comunidade técnico-científica mundial, estando plenamente de acordo com os pressupostos indicados pela Organização Mundial de Saúde (OMS), Organização das Nações Unidas (ONU), Ministério da Saúde e Código de Saúde do Estado de São Paulo para o trato com a saúde mental.

Uma das questões mais graves, no entender da delegação, foi o fato de a rejeição da referida proposta ter contado com a conivência da delegação do Sindiserv de Ribeirão Preto. Esse posicionamento da delegação contraria a política de saúde mental que já vem sendo praticada pelo município com sucesso. Segundo os psicólogos, Ribeirão Preto vem viabilizando a reforma psiquiátrica, oferecendo à população uma forma de tratamento mais digna, humana e tecnicamente eficaz. Por esse motivo, a delegação encaminhou aos jornais de Ribeirão Preto uma carta em que se posiciona contrária à atitude da delegação do Sindiserv.

Veja a síntese das propostas aprovadas na 2ª Conferência

Políticas públicas e financiamento

O principal ponto foi a rejeição da proposta de criação da Contribuição Provisória sobre a Movimentação Financeira. A rejeição trouxe como efeito a aprovação de várias propostas para destinação de verbas em cada esfera de governo (municipal, estadual e federal) como forma de encaminhamento da questão do financiamento para o setor saúde.

Foram também aprovadas propostas específicas, tais como: criação de centro de trabalhadores em nível municipal, criação de unidades terapêuticas para dependentes químicos, estabelecimento de uma política de atendimento ao aidético e soropositivo. Também foram consideradas importantes a aprovação de ações, como a regulamentação do Código Estadual de Saúde, revisão do Código Sanitário Estadual e a criação de Planos Regionais de Saúde.

Descentralização e modelos de serviços

As propostas aprovadas reiteram os princípios do SUS, enfatizando o município como principal gestor de recursos. Também estão de acordo com o Sistema Único de Saúde ao reconhecerem os princípios da equidade, da hierarquização dos serviços e da integralidade das ações, assim como ao garantirem o controle social das ações, com o fortalecimento dos Conselhos Municipais de Saúde e a implementação efetiva dos Fundos de Saúde. Nesse sentido, apontou-se a necessidade de revisão das Leis Orgânicas dos Municípios, adequando-as aos princípios apontados pela Conferência.

Quanto aos modelos de atenção e organização dos serviços foram aprovados: priorização da saúde preventiva, ampliação dos hospitais-dia, inclusão dos ambientes de trabalho como responsabilidade da vigilância sanitária e epidemiológica, assim como a municipalização desses serviços. Também foi defendida a necessidade de implementação de uma política de medicamentos.

Controle Social do Estado

Os principais pontos aprovados foram os seguintes: cumprimento da legislação e resoluções da 9ª Conferência Nacional de Saúde, implantação dos conselhos gestores de unidades, eleição do presidente dos Conselhos Municipais de Saúde.

Recursos Humanos

As propostas apresentadas pelos trabalhadores da saúde estão presentes nas resoluções das últimas Conferências Nacionais de Saúde e o principal problema a ser enfrentado é a garantia de sua execução. Entre elas destacam-se: planos de carreira, jornada de 30 horas para todos os trabalhadores do SUS, mesa de negociação permanente, revisão do modelo de avaliação profissional, isonomia nas três esferas, priorização do valor dos resultados do coletivo e não do individual.

Ciência e Tecnologia

As propostas e emendas foram remetidas à aprovação do Conselho Estadual de Saúde em função da falta de quórum da plenária.

AGENDA

FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS - O grupo baiano Axé, através de seu Centro Projeto Axé de Defesa e Proteção à Criança e ao Adolescente, mantém um Centro de Formação de Recursos Humanos e Assistência Técnica, que se encarrega de atividades de formação e aperfeiçoamento profissional para educadores de rua. O grupo trabalha com a prestação de serviços de educação e defesa de direitos das crianças e adolescentes em circunstâncias especialmente difíceis desde 1990, através de unidades de cultura, alfabetização, iniciação ao trabalho, educação para a saúde, profissionalização e encaminhamento ao mercado de trabalho. Os interessados em participar dos grupos de estágio devem procurar o centro de formação. Candidatos interessados em realizar atividades de pesquisa deverão ser credenciados por instituição de ensino ou pesquisa e apresentar curriculum vitae. Maiores informações pelos telefones: 055 (071) 235-6077 ou 235-7619 ou pelos telefax: 055 (071) 237-6030 ou 237-2004.

PSICANÁLISE - O psicólogo carioca Daniel Kupermann faz o lançamen-

to de seu livro "Transferências cruzadas - uma história da psicanálise e suas instituições", pela editora Revan, no dia 19 de setembro, às 19h, na livraria Pulsional (R. Dr. Homem de Mello, 351). O livro é a versão de sua tese de mestrado, defendida pela PUC-RJ, e, segundo o autor, "trata de maneira crítica a questão da formação do psicanalista e as vicissitudes da institucionalização da psicanálise". Após a cerimônia de lançamento haverá uma mesa de debate com a presença dos psicanalistas Renato Mezan e Maria Rita Kehl.

ATENDIMENTO CLÍNICO - A Sociedade Brasileira de Psicanálise está realizando atendimento clínico a preços acessíveis para crianças, adolescentes e adultos, em 4 sessões semanais. A primeira entrevista é gratuita. Os interessados devem comunicar-se pelo telefone 258-2831, com o serviço de atendimento, para marcar entrevista de encaminhamento, com Vera.

CICLO DE PALESTRAS - A psicanálise e sua relação com a clínica médica é o tema central do ciclo de palestras que a Casa do Médico de Araraquara e o Centro de Estudos de Psicanálise de Araraquara estão realizando desde junho deste ano. No dia 17 de agosto, das 9 às 12h, serão discutidas "As contribuições da psicanálise para a compreensão do funcionamento psíquico e sua repercussão para a prática médica". No dia 21 de setembro, das 9 às 12h, será realizada palestra sobre "Psicanálise e a medicina - campo da relação médico-paciente-interconsultas", e no dia 19 de outubro, também das 9 às 12h, será discutida a "Estruturação da identidade na infância e adolescência". Os eventos acontecem na Casa do Médico de Araraquara. Maiores informações pelo telefone (0162) 22-3698.

SOFRIMENTOS NA CONTEMPORANEIDADE - É o tema da jornada que a Edca & Tempos Modernos & Lazos

está organizando para os dias 15, 16 e 17 de agosto. Serão apresentados temas como: "O horror ao outro", "O agir terapêutico como exercício de abandono da neutralidade", "Os véus da modernidade", "Aspectos imunológicos da depressão", entre outros. O evento acontece no Instituto Philippe Pinel, à av. Wenceslau Brás, 25, andar A, Rio de Janeiro. As inscrições serão realizadas à Avenida Barata Ribeiro, 250 - grupo 6, 3º andar, Capacabana - Rio de Janeiro. Maiores informações pelo telefone (021) 236-0563.

BUENOS AIRES - A capital argentina estará sediando, dias 10 e 11 de agosto, o I Encuentro Internacional da Fundación Lazos e Instituto Tempos Modernos, denominado "Análisis de las organizaciones y síntomas sociales". O evento acontece à Av. Peru, 272 - Buenos Aires - Argentina. Inscrições e informações pelo telefone: 0054-1 832-2929.

ESCLARECIMENTO

Conselho de Terapia

O CRP-06 recebeu nota de esclarecimento da Imprensa Nacional, comunicando sobre publicação indevida de Resoluções do Conselho Federal da Terapia (CFT) no Diário Oficial da União. Segundo a nota, um parecer do Ministério da Justiça esclarece que as publicações da Imprensa Nacional devem ser questionadas sempre que não forem seguidas da devida cautela na observância de sua legitimidade. O mesmo parecer jurídico informa que o Conselho Federal da Terapia não comprovou sua existência legal perante a Imprensa Nacional. Portanto, a Nota de Esclarecimento foi publicada na mesma coluna que a original e com o mesmo destaque, ou seja, seção I, página 4.954, de 25/03/96. Leia a nota da Imprensa Nacional na íntegra:

Nota de Esclarecimento

"A Imprensa Nacional torna público que veiculou equivocadamente no Diário Oficial da União, Seção I, coluna de Entidades Fiscalizadoras do Exercício das Profissões Liberais, 'Resoluções' de organismo autodenominado 'Conselho Federal de Terapia - CFT', devendo ser considerado insubsistente o conteúdo dessas publicações e eventualmente de outras, de interesse do mencionado, conforme nota da consultoria jurídica do Ministério da Justiça de nº 27/96."

DIA DO PSICÓLOGO

ATENÇÃO!

Devido à realização do II Congresso Nacional da Psicologia, de 28 de agosto a 01 de setembro deste ano, o Dia do Psicólogo não será comemorado no dia 27 de agosto, sua data oficial.

As comemorações acontecerão na semana de 9 a 14 de setembro. A programação será centrada nas deliberações do Congresso Nacional e, por este motivo, será enviada para todos os profissionais por mala direta após a realização do evento.

Compareça!

Informe publicitário

Recicle seus conhecimentos

Inscriva-se nos novos cursos da PUC-SP



- Usos da Psicofarmacologia
- Técnicas corporais como Instrumento Auxiliar no Tratamento de pessoas doentes
- AIDS: de um problema de poucos à responsabilidade de todos
- Fobias e distúrbios de ansiedade da criança e do adolescente
- Psicose: investigação clínica e tratamento
- Abordagem Holística na Medicina e na Psicologia

INFORMAÇÕES: (011) 873-3155



CONGRESSO REGIONAL

Categoria quer mudar atendimento psicológico

DEBATES APONTARAM NECESSIDADE DE PROFISSÃO VOLTAR-SE PARA REALIDADE SOCIAL

ligados ao dia-a-dia do profissional no trato com a população, tais como: avaliação psicológica, as práticas atualmente conhecidas como "terapias alternativas", critérios para abertura e fechamento de cursos de psicologia, os estágios supervisionados e as clínicas-escola. Os psicólogos avaliaram também a legislação que regulamenta a profissão (Lei 4.119/62) e a que regulamenta a existência dos Conselhos de Psicologia (Lei 5.766/71). Os temas foram debatidos por 136 delegados de todo o Estado, eleitos em pré-congressos realizados em vários municípios durante os meses de maio e junho.

ABUSOS COM TESTES PSICOLÓGICOS

A utilização indiscriminada de testes psicológicos foi um dos temas discutidos no Congresso. Muitos profissionais têm questionado os fundamentos teóricos e a validade desses testes para a população brasileira, já que quase todos eles são elaborados em outros países e aplicados aqui sem nenhuma adequação. Durante o Congresso, os psicólogos condenaram a avaliação psicológica baseada unicamente nesse instrumento.

Foram discutidos os problemas que os profissionais enfrentam no dia-a-dia para realizar as avaliações psicológicas em instituições públicas. Em várias áreas de atuação (Poder Judiciário, escolas, trânsito, recursos humanos etc.) faz parte da rotina de trabalho do psicólogo proceder à avaliação psicológica antes de propor qualquer tipo de intervenção. A categoria questionou os objetivos que essas avaliações cumprem nessas instituições. Segundo Cristina Amélia Luzio, conselheira-presidente do CRP, a grande proliferação

de testes psicológicos e sua utilização indiscriminada têm sido uma das preocupações constantes do Conselho. "Condenamos a utilização, tão comum hoje em dia, da avaliação como um recurso para a disseminação da chamada cultura da exclusão social", disse.

Para Cristina Amélia, as discussões sobre a avaliação psicológica permitiram reafirmar princípios que já vêm sendo defendidos por grande parte da categoria há algum tempo. Nesse sentido, o grande avanço foi a mudança de enfoque na abordagem da avaliação psicológica. Se no início das discussões sobre as questões da psicologia no Congresso passado o tema era focalizado a partir do indivíduo, ao final do evento deste ano as teses aprovadas apontavam para a contextualização da avaliação psicológica no fenômeno sócio-cultural dos dias de hoje.

PREOCUPAÇÕES COM AS PRÁTICAS ALTERNATIVAS

A polêmica sobre as chamadas práticas alternativas também foi uma das preocupações centrais dos delegados. As discussões giraram em torno da identificação das chamadas "terapias alternativas" (tarô, florais de Bach, búzios, tera-

pia de vidas passadas etc.) à ação psicológica. Como ponto central da discussão estava a grande procura por essas práticas e por que estão sendo confundidas com as técnicas psicológicas, para que se possa pensar ações políticas para enfrentar o problema.

Os delegados decidiram que as técnicas ainda sem reconhecimento da comunidade científica não sejam associadas à psicologia. Essa posição é compatível com a política adotada pelo CRP, que vem orientando os profissionais a não vincularem essas práticas ao seu título.

Segundo a conselheira Cláudia Maria Sodré Vieira, o grande mérito da discussão foi reverter a expectativa de que o CRP tomasse para si uma decisão que é de âmbito mais geral. Quando o tema começou a ser debatido, alguns grupos defendiam que o Conselho referendasse as práticas alternativas e outros que ele as condenasse. O CRP, no entanto, avaliou que era necessário aprofundar as discussões sobre a questão, já que não cabe à entidade o papel de reconhecer ou não a validade científica dessas práticas, mas sim o de orientar os profissionais quanto ao exercício da psicologia.

"Há algum tempo, os conselhos profissionais se limitavam a proibir a utilização de técnicas alternativas. Desde a última gestão, o CRP propôs uma discussão com os profissionais que fazem uso dessas técnicas. Mas ficou claro que ainda não existe debate acumulado na comunidade científica", explicou Cláudia. No II Congresso os psicólogos perceberam a necessidade de fazer uma distinção entre as diversas práticas que hoje são consideradas alternativas, separando aquelas que dispõem de pressupostos científicos das que se baseiam em princípios religiosos, mís-



Mesa diretora do Congresso: da esq. para dir. - Edgar Rodrigues, Helena Hirye, Cristina Amélia Luzio, Maria Costantini e Luiz Carlos Lima de Araújo

Os psicólogos do Estado de São Paulo pretendem mudar vários aspectos da prática profissional, adequando os modelos de atendimento psicológico à realidade brasileira. O objetivo é substituir o atendimento em que prevalece o princípio de identificar e curar doenças por uma intervenção que leve em conta a dinâmica social em que os indivíduos estão inseridos. Esta é a conclusão final para a qual apontam as teses aprovadas no II Congresso Regional da Psicologia, que aconteceu no mês de junho, em São Paulo, e deverão ser levadas por 36 delegados ao II Congresso Nacional da Psicologia, em agosto, em Belo Horizonte.

Segundo o psicólogo André Ricardo Oliveira Nogueira, presente ao Congresso Regional e que também será delegado por São Paulo no Congresso Nacional, o evento deste ano permitiu aprofundar as discussões sobre as propostas apresentadas pela categoria. "Depois da experiência acumulada no I Congresso, o encontro deste ano evocou muito a necessidade de o psicólogo trabalhar para a transformação da sociedade. Acho esse um grande avanço para a profissão e para a organização da categoria."

Foram discutidos temas diretamente

CONGRESSO REGIONAL

Fotos: Mônica Richter

Avanços no psicológico

ticos, irracionais ou de senso comum. De acordo com as decisões da plenária, algumas delas podem conter elementos passíveis de utilização pela psicologia.

É o caso da acupuntura, técnica oriental que compreende os distúrbios humanos a partir de seus aspectos orgânicos e psíquicos. Sobre a questão, falou-se na possibilidade de o psicólogo fazer uso da acupuntura, mas não de utilizá-la como uma técnica da psicologia. Para Delvo Ferraz da Silva, psicólogo e acupunturista presente no Congresso, pode ser útil para a psicologia fazer uma comparação entre as teses orientais e as ocidentais sobre a psique. "Mas sou contra o casamento entre qualquer prática alternativa e a psicologia. Se um indivíduo me procurar para fazer psicoterapia, devo encaminhá-lo a outro profissional, porque o que faço é acupuntura, embora tenha conhecimentos da psicologia."

Já para Amale Laham Abdala, que trabalha com florais de Bach, a discussão possibilitou avanços, mas ainda existem pontos a serem esclarecidos. "Houve avanços, mas não da forma que eu pretendia. Acho que florais de Bach e acupuntura não podem ser consideradas sob o mesmo ponto de vista que várias outras práticas, porque não se baseiam em princípios místicos e as propostas do eixo temático das práticas alternativas não deixaram clara essa separação", disse.

Embora a preocupação proceda, as teses aprovadas no Congresso deixaram claro que as técnicas que não forem baseadas em princípios místicos ou religiosos devem passar por discussões mais aprofundadas até que se decida se podem efetivamente ser praticadas por psicólogos.

Para a psicóloga, o maior avanço do Congresso foi que alterou sua visão sobre o CRP. "Eu tinha uma visão punitiva do CRP, mas com as discussões do Congresso senti que isso se alterou", explicou.

CONTRA A ABERTURA DE NOVOS CURSOS

Outro tema debatido no Congresso Regional da Psicologia foi a ava-

liação dos cursos de psicologia já existentes e uma política de enfrentamento à proliferação indiscriminada de novas escolas por todo o país. Os delegados condenaram a política de ensino praticada pelo governo Fernando Henrique Cardoso, que tem priorizado os interesses dos donos de escolas particulares. Os psicólogos são contra o exame proposto pelo Ministério da Educação a ser aplicado aos alunos após a conclusão do curso. Para eles, esse exame é superficial e parcial, uma vez que avalia apenas os estudantes, produto da formação, sem levar em conta a que tipo de ensino estão sendo submetidos.

A categoria aprovou que se criem critérios rigorosos de avaliação dos cursos, com a participação dos Conselhos Regionais e Federal de Psicologia. Também concluiu pela necessidade de que as clínicas-escola, universidades e faculdades sejam cadastradas pelos conselhos profissionais para que se possa realizar um estudo de qualidade e posterior credenciamento das que oferecerem um ensino de qualidade. Os psicólogos querem que só sejam criadas novas faculdades após um levantamento das necessidades sociais do país e da realidade do mercado de trabalho.

Segundo a conselheira-presidente do CRP-06, nessa avaliação deverão estar previstos critérios rigorosos para verificação da qualidade do ensino praticado pelas instituições públicas e privadas, garantido o acesso da população aos resultados obtidos, assim como incluída a possibilidade de fechamento de faculdades, quando necessário.

Os psicólogos vêm identificando problemas em várias áreas de atuação e atribuem muitos deles às falhas da formação universitária, que norteia o ensino para o atendimento clínico em consultórios particulares. "Este modelo não dá conta da complexa realidade brasileira, pois ao longo dos anos várias áreas foram incorporando o serviço do psicólogo, por exemplo, escolas, hospitais, casas de detenção, departamentos de recursos humanos e outras", disse Cristina Amélia.



Após o credenciamento, delegados passaram à discussão em grupos. As teses aprovadas por cada grupo foram discutidas e votadas no plenário.

REVISÃO DA LEGISLAÇÃO

Em relação aos debates de apreciação da Lei 5.766/71, que cria os Conselhos de Psicologia, e da Lei 4.119/62, que regulamenta a profissão, a plenária aprovou que não se faça alteração nesta última e avaliou anteprojeto da Lei 5.766.

De acordo com o texto final aprovado, os Conselhos Nacional e Regionais deverão ter natureza orgâni-

ca, não federativa, serão descentralizados e dotados de natureza jurídica de direito público. O texto referencia as decisões do I Congresso Nacional, segundo as quais as entidades devem incorporar um caráter orientador às suas atribuições e manter autonomia política administrativa e financeira. Não perdem, no entanto, as prerrogativas de disciplinar e fiscalizar o exercício profissional.

CONGRESSO REGIONAL

Síntese dos princípios aprovados no II Congresso Regional da Psicologia

Práticas alternativas

Tese 11 - O Conselho Regional de Psicologia deve se constituir como espaço de esclarecimento e orientação à sociedade e ao psicólogo acerca do exercício profissional da psicologia.

Tese 12 - A política do Conselho sobre as práticas psicológicas deverá:

- lutar pela livre expressão de idéias das diferentes concepções ontológicas e epistemológicas da psicologia.

- Quanto ao exercício profissional:

a) Orientar o psicólogo a não associar em sua atuação aquelas práticas baseadas em pressupostos irracionais, místicos, religiosos ou de senso comum;

b) Esclarecer as condições de uso do tratamento quando aplicar técnicas não psicológicas ou afins com a psicologia que tenham validade ou sejam passíveis de validação científica, indicando a situação em que se encontra.

A política dos Conselhos sobre as práticas ditas alternativas deverá ratificar teses aprovadas sobre o tema no I Congresso Nacional da Psicologia.

Tese 13 - É necessário que o CRP intensifique o intercâmbio com as universidades a respeito do conhecimento produzido sobre as práticas ditas alternativas, inicialmente na forma de um levantamento das teses e dissertações produzidas.

Tese 14 - O Conselho deve especificar o que são práticas psicológicas, divulgando por meio da mídia o cam-

po específico de atuação do psicólogo, levando esclarecimento ao público através de:

1 - Ações educativas sistemáticas junto à comunidade através dos meios de comunicação de massa sobre o exercício profissional do psicólogo.

2 - Ações educativas e sistemáticas junto aos profissionais psicólogos através das organizações e entidades de classes, tais como cooperativas, associações, núcleos etc.

3 - Esclarecimentos frente a existência das práticas ditas alternativas que ainda não estão reconhecidas como práticas psicológicas.

4 - Manifestações públicas face a fatos que denigram ou deturpem o exercício profissional da psicologia.

Avaliação psicológica

Tese 01 - A avaliação psicológica avalia fenômenos psicológicos resultantes da relação do indivíduo com a sociedade. Nesse sentido, os resultados das avaliações devem identificar os condicionantes sociais e seus efeitos no psiquismo, com a finalidade de serem instrumentos para atuar não somente sobre o indivíduo, mas na modificação dos condicionantes sociais.

Tese 02 - Ao utilizar as técnicas de avaliação psicológica, o psicólogo deve pautar-se pelos direitos sociais do cidadão, bem como promover seu bem-estar, resguardando o indivíduo contra o uso abusivo dos resultados da avaliação e respeitar o seu direito à informação.

Tese 03 - Considerando que as técnicas existentes para avaliação psicológica não conduzem a resultados absolutamente conclusivos, mas somente a resultados hipotéticos, devem ser utilizadas exclusivamente com finalidade orientativa e nunca determinante.

Tese 04 - O psicólogo deve considerar o impacto que seu parecer ou relatório representa para a vida atual e futura do indivíduo, opondo-se à rotulação, estigmatização, segregação e exclusão social da pessoa avaliada.

Tese 05 - O psicólogo, para a compreensão global do caso, deverá considerar, sempre que necessário, o parecer de profissionais de outras áreas em sua avaliação.

Formação profissional

Tese 21 - Integrar desde o início do curso teoria e prática, desde que garantida a condição teórica do aluno, estágios e oportunidades para a iniciação científica

Tese 22 - Que os Conselhos continuem estimulando o espaço para a discussão epistemológica e para a eventual legitimação de novas práticas emergentes junto às agências formadoras e produtoras de conhecimentos da psicologia. Considerando-se o psicólogo como um profissional que interage no fenômeno do comportamento humano e sua responsabilidade na identificação, aperfeiçoamento e seleção de técnicas adequadas e abordagens que alcancem os mais di-

versos fenômenos observados é necessário que haja uma reestruturação dos paradigmas que até hoje têm norteado sua formação. Caberia pois à Universidade abrir espaço de orientação em pesquisa que possibilite a compreensão e a discussão de técnicas ditas alternativas.

Lei 4.119/62

Tese 17 - Contrário à alteração da Lei 4.119, reafirmando a posição do fórum da Lei 4.119/62 do CRP-06 e propomos:

1 - Que o Conselho assuma o papel de sustentar ações políticas que garantam a mobilização da categoria para a alteração do exercício profissional

2 - Que o Conselho promova junto à categoria fóruns ampliados e continuados de discussão sobre o exercício profissional

3 - A criação de resoluções observando-se:

- princípios aprovados no Congresso Constituinte de 1994,
- as características do trabalho em equipe multiprofissional,
- a garantia da qualidade de serviço para o usuário,
- o respeito à cidadania.

Lei 5.766/71

Como foi aprovado anteprojeto de uma nova lei, os princípios estão inseridos nos diversos artigos do mesmo.

MERCADO DE TRABALHO

Psicólogo, profissão:

Grande número de profissionais sente-se impelido a "repensar" sua opção pela psicologia porque não consegue se inserir no mercado de trabalho

Eliana Arkate Basoi, secretária em uma metalúrgica. Marilene Bertogna, secretária executiva. Cleide Correia do Prado, gerente de cinema. Roseli Bustos Bueno, funcionária pública. Míriam Martins Rodrigues Amoroso, secretária. Viviane Carmignola Quaresma, desempregada há um ano. Ricardo Teixeira Engels, empresário. Todos têm uma coisa em comum: são psicó-

logos e já nutriram, algum dia, a esperança de trabalhar com a profissão.

Desistiram por motivos diversos. Alguns porque não conseguiram emprego como psicólogos, outros porque tiveram propostas de trabalho com remuneração mais baixa do que a que já recebiam em outras atividades e, outros ainda, porque concluíram que teriam pouca chance de realização profissional ou financeira.

Esta última foi a conclusão a que chegou Míriam, formada há 7 anos. Recebeu proposta de trabalho como psicóloga, mas recusou porque o salário era menor que o seu de secretária e não via perspectiva de realização profissional. "Mas não me sinto frustrada. Se estivesse trabalhando com psicologia não estaria melhor. Realização profissional é para muito poucos", acredita.

Pragmatismo? Pode ser, mas não destituído de razão. A sobrevivência requer uma certa dose de realismo, e a realização profissional e financeira, a conjugação de muitos fatores que se transformaram quase em virtualidade na inóspita realidade brasileira. Na verdade esse é um terreno em que prevalece a lei da selva. Ou seja, conseguem se manter na profissão somente aqueles que têm condições de inves-



MERCADO DE TRABALHO

tir alto para continuar competindo no mercado de trabalho e, claro, manter a expectativa de que poderão se realizar profissionalmente. Considerando-se que a psicologia guarda certas características muito específicas, estas, quando confrontadas com a realidade, formam o quadro certo para deixar um profissional perdido. Ou então para que decida abandonar a profissão.

É o caso dos que querem investir na área clínica. Quando se formam, têm de encarar de frente, além das inseguranças de não se sentirem preparados (apesar de o modelo de formação ser totalmente voltado para a clínica), a sutileza das regras do mercado. Foi o que aconteceu com Marilene Bertogna. Formada desde 1982, somente agora começa a se preparar para trabalhar com terapia corporal. Isso porque, como está às vésperas de se aposentar como secretária executiva de uma empresa, sente-se amparada para esperar que os clientes comecem a procurá-la. "O retorno em psicologia é meio difícil e eu sou chefe de família." Marilene acredita que a dificuldade deve-se ao fato de que a psicologia ainda não se firmou como uma área necessária na sociedade.

Sobre a questão do exercício clínico da profissão, Cleide também aponta o que considera uma das grandes dificuldades. "É complicado começar a trabalhar porque a ética nos impede de fazer publicidade. Por outro lado, ainda existe o imaginário de que o psicólogo é um profissional que cuida de loucos e a quem só se deve recorrer em último caso", pondera Cleide. Ou seja, só tem chance de sobreviver da clínica quem consegue estabelecer contato com alguma instituição ou algum profissional mais experiente que lhe indique pacientes.

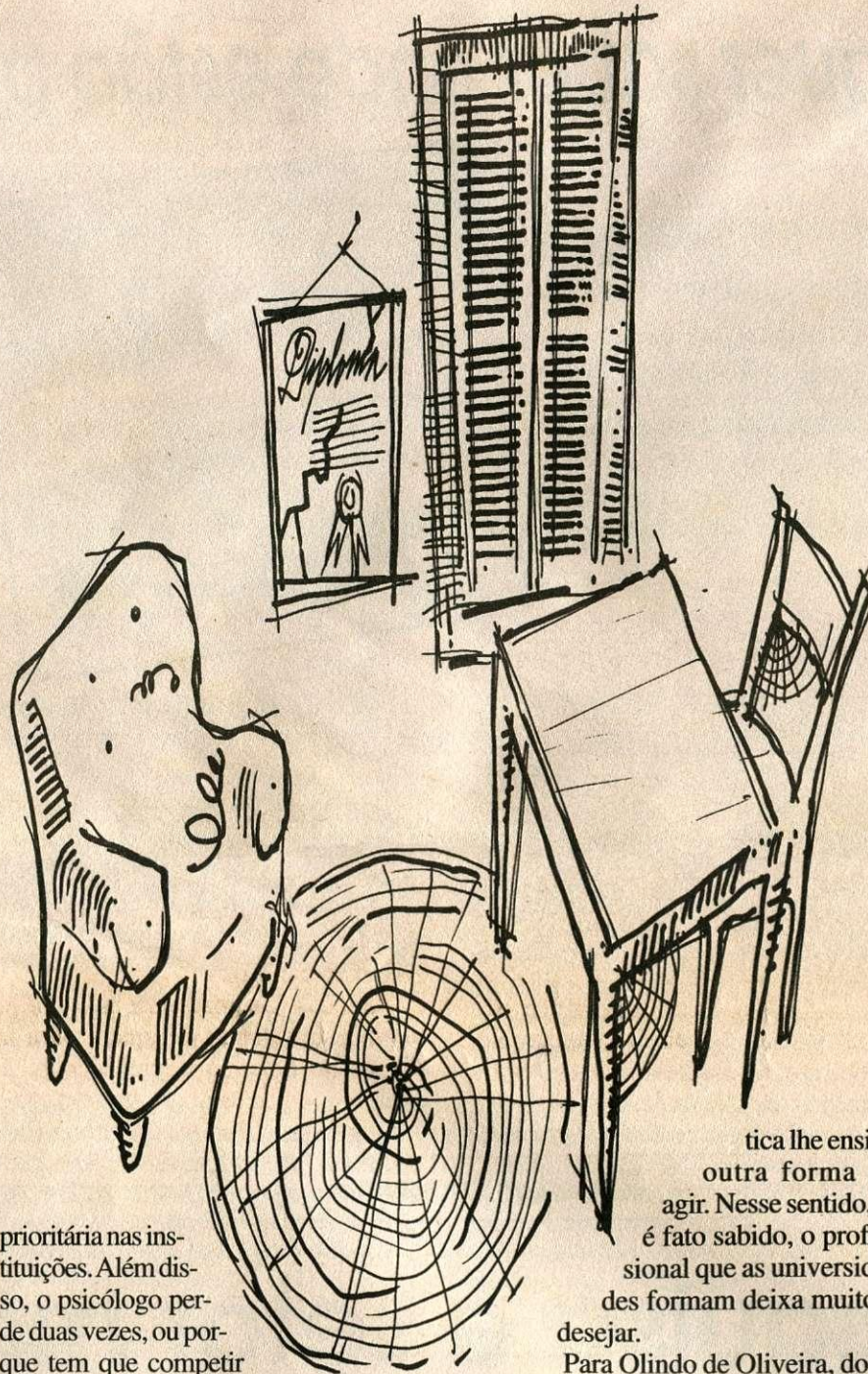
Cleide, no entanto, também diz que gostaria de trabalhar na área de recursos humanos. Ela até mesmo chegou a receber proposta de trabalho como psicóloga para uma jornada de mais de 40 horas semanais, sem registro em carteira, para "ganhar" R\$ 600 por mês. Tem salário maior como gerente de um conhecido cinema paulistano, atividade que exerce há dois anos e meio.

Esses, contudo, não são os únicos problemas apontados pelos que desistiram da profissão. Para Viviane, que está sem emprego há um ano, mas já trabalhou na área de recursos humanos, um dos grandes empecilhos é que as empresas estão terceirizando os serviços. Ela diz que também se desencantou quando percebeu que o mercado é um jogo de cartas marcadas e sobra ao psicólogo cumprir uma função burocrática dentro das empresas. "Fiquei muito decepcionada. A psicologia não é considerada

prioritária nas instituições. Além disso, o psicólogo perde duas vezes, ou porque tem que competir com o psicopedagogo ou com o psiquiatra."

A realidade não desmente suas afirmações. É o que diz, por exemplo, João Mendes, dono de uma empresa de consultoria em recursos humanos: "O psicólogo atua em muitas áreas e há uma grande concentração deles em RH, mas o setor não é privativo de nenhum profissional". A afirmação é confirmada por outra profissional do ramo, Adriana Fellipelli: "Quando as empresas nos procuram em busca de um profissional, não mencionam o psicólogo. Elas querem determinadas experiências, não se importando com a formação".

Isso pode ocorrer em tese, porque, na prática, o que vai valer no momento da escolha de um profissional é o que ele apresentar como possibilidades para o trabalho. E aí, sem desrespeitar o valor da experiência, continua valendo o tipo de aprendizado que teve na formação e que vai levar para a vida profissional, pelo menos até que a prá-



tica lhe ensine outra forma de agir. Nesse sentido, já é fato sabido, o profissional que as universidades formam deixa muito a desejar.

Para Olindo de Oliveira, dono de uma empresa de consultoria em recursos humanos, as dificuldades que o psicólogo está enfrentando para conseguir entrar no mercado podem ser situadas aí. Devem-se ao fato de que é um profissional que parou no tempo e no espaço. "Recentemente fiz mais de 40 entrevistas para contratar um psicólogo para a minha empresa e constatei que todos continuam com uma mentalidade ultrapassada, ainda seguem um modelo antigo de atuação profissional."

ESTEREÓTIPOS E EXPECTATIVAS

Mas nem todos os que desistiram da profissão o fizeram pelas dificuldades encontradas no mercado. Ricardo Engels, por exemplo, achou que a psicologia não atendia as suas expectativas de crescimento pessoal e profissional. Trabalhou com psicometria no início da carreira, mas aos poucos foi se especializando na área de vendas. Hoje tem uma empresa de tecelagem e

não se diz arrependido da opção. "O psicólogo perdeu importância com a globalização e eu estava me sentindo estagnado financeiramente", diz.

O seu caso, como o de Míriam, que também se diz satisfeita com seu trabalho, são incomuns. Segundo informações de Fabiano Fonseca da Silva, psicólogo do Serviço de Orientação Profissional da USP, "muitos profissionais que nos procuram não querem largar a profissão, no máximo querem trocar de área dentro da própria psicologia". De acordo com Fonseca, os que trocam de área geralmente o fazem ainda durante o decorrer do curso. "Quando o aluno entra no curso ele não sabe exatamente pelo que está optando. As pessoas escolhem em função de um estereótipo. Mas as crises quanto à escolha surgem no meio do curso."

Até aí, nenhuma surpresa. Todo mundo sabe que a escolha profissional é feita muito cedo e a partir de muito poucas informações. Para Míriam, por exemplo, muitos desistem da profissão porque na verdade já fizeram a escolha errada. "Acredito que muitas pessoas, quando escolhem psicologia, o fazem na expectativa de resolver os próprios problemas. E depois, quando se formam, o valor não está no que o psicólogo é, mas no que as pessoas pensam que ele é", diz, levantando a suspeita de que não só a população em geral não sabe muito bem a que veio a psicologia, mas que também muitos profissionais padecem de incerteza sobre a profissão. Indagada sobre isso, Cleide demonstra um certo desânimo: "Não sei se os psicólogos sabem realmente para que serve a psicologia afinal. Sinto que existe uma crise de identidade do próprio profissional".

Nesse sentido, tudo indica que o imaginário sobre o profissional psicólogo permanece sendo o daquela pessoa que pode ajudar quando alguém está com problemas. Segundo duas psicólogas entrevistadas pelo *Jornal do CRP* para esta reportagem, os diretores das empresas onde trabalham em outras funções que não as de psicólogas indicam às pessoas com problemas que as procurem, porque sabem que são psicólogas.

Perigosa informalidade, que tem como característica mais marcante expor os envolvidos a uma situação de vulnerabilidade frente à legislação ética da categoria. E, porque sempre que interessa, serve para retaliações contra os próprios profissionais psicólogos. E também é assim que muitas empresas conseguem obter informações sobre funcionários, que, se estivessem colocadas nas condições técnicas adequadas, seriam sigilosas porque foram prestadas em atendimento psicológico.

SAÚDE PÚBLICA

Conselho quer saber onde estão profissionais

O CRP iniciou processo de mapeamento de todos os psicólogos lotados na Secretaria Municipal de Saúde. O objetivo é fazer comparação da situação de atendimento de saúde mental antes e depois da implantação do PAS. Com base nesse mapeamento, o CRP poderá traçar diretrizes para a continuidade do movimento contrário à implantação do PAS, explicou Maria Costantini, vice-presidente do Conselho, em reunião realizada no Sedes Sapientiae, no último dia 30 de julho. Para isso será distribuído um questionário contendo perguntas sobre a situação do profissional no setor em que ingressou na Prefeitura e no local em que está trabalhando hoje. O instrumento começou a ser distribuído na reunião do dia 30, mas os psicólogos que não puderam estar presentes deverão recebê-lo em suas residências. “É muito importante que o psicólogo preencha e devolva ao CRP, para que possamos ter um retrato fiel da situação da saúde mental do município”, explicou Maria.

LEVANTAMENTO PERMITIRÁ
COMPARAÇÃO DA
SITUAÇÃO DE ATENDIMENTO
DE SAÚDE MENTAL ANTES E
DEPOIS DO PAS



Márcia Zoet

Segundo ela, até agora não foi possível fazer tal mapeamento porque a Prefeitura ainda estava fazendo as remoções de profissionais e os profissionais não tinham lugar definido para darem expediente. No entanto, têm chegado denúncias no Conselho de que muitos profissionais estão deslocados de suas funções ou lotados em secretarias que não prestam nenhum tipo de atendimento de saúde mental. O caso mais drástico

até agora é o de uma psicóloga que foi removida para uma creche municipal e recebeu da diretoria a incumbência de separar o feijão para a merenda das crianças.

De acordo com dados colhidos no Diário Oficial, de janeiro deste ano até o mês de julho, já haviam sido divulgados os nomes de 283 psicólogos removidos. “Mas esse não é o número total de remoções. Houve profissionais que passaram por até 7 remoções dentro

da Prefeitura porque não quiseram aderir ao PAS.” Com isso há uma diferença entre o número total de remoções feitas até agora (420) e o número de profissionais removidos (283).

Na reunião, que contou com a presença do vereador Adriano Diogo (PT), de representantes dos Conselhos Regionais de Medicina e Farmácia, do Sindicato dos Psicólogos e do Sindicato dos Funcionários Públicos Municipais, os psicólogos debateram os próximos passos na luta contra a privatização da saúde. A grande preocupação dos profissionais é que, com o desmonte do serviço de atendimento de saúde mental, ocorra reagudização no quadro de pacientes, riscos de internamentos indevidos e até mesmo suicídios, pela perda do vínculo terapêutico. O conselheiro do CRP Floriano Nuno de Barros Filho informou aos presentes que, para ocupar os lugares dos profissionais removidos, estão sendo contratados psicólogos sem experiência anterior, entre eles alguns que ocupavam cargos administrativos na Prefeitura.

Pesquisa é setor mais qualificado da psicologia

Os psicólogos que se dedicam à pesquisa representam o setor profissional que mais se destaca em relação à formação pós-graduada. Por outro lado, os profissionais que trabalham com psicotécnico são os que conseguem se inserir no mercado com menos qualificação. As conclusões foram tiradas dos dados do Recadastramento Profissional dos Psicólogos, realizado no ano passado pelo CRP-06 e Fundação Seade (veja tabelas ao lado).

Segundo o conselheiro do CRP José Roberto Tozoni Reis, pelos dados do recadastramento pode-se verificar que a especialização, primeira etapa a ser cumprida pelos que in-

gressam na pós-graduação, tem distribuição relativamente equilibrada entre os vários setores de atuação. “Isso ocorre porque a especialização hoje é feita pelos profissionais que vão atuar em qualquer área da psicologia”, explicou. Mas o mesmo não acontece quando se verifica os números de acordo com a opção de trabalho dos profissionais. Aí os índices se modificam.

Um bom exercício para a compreensão desse raciocínio é a observação dos índices de profissionais que fizeram as outras etapas, como mestrado, doutorado e pós-doutorado. Os cursos de mestrado têm maior procura por aqueles que querem se-

guir o magistério (26,23%), ao passo que os de doutorado e pós-doutorado são os que concentram maior número de profissionais ligados à pesquisa (observe na tabela abaixo as colunas onde são discriminados os percentuais de profissionais de cada setor de atuação nos itens doutorado e pós-doutorado).

Tais dados, no entanto, não significam que todos os profissionais que atuam com pesquisa na jurisdição do CRP-06 sejam suficientemente qualificados. Do total de 531 profissionais que, entre os que responderam ao recadastramento, disseram trabalhar com pesquisa, 135 (ou 25,42%) possuem apenas a formação gradua-

da. “E se aglutinarmos os profissionais que fizeram mestrado (151 ou 28,44%), os que fizeram doutorado (55 ou 10,36%) e os que fizeram pós-doutorado (6 ou 1,13%), chegaremos a um índice de 39,93% do total de pesquisadores, ou seja, nem 50%”, explicou Tozoni. Isso significa que também na área de pesquisa a grande maioria dos profissionais pára a formação pós-graduada no nível inicial, ou seja, na especialização, etapa em que se encontram 184 (ou 34,65%) dos pesquisadores.

A situação agrava-se se considerados os índices de qualificação encontrados entre os 2.794 profissionais que se dedicam à docência. Desses,

RECADASTRAMENTO

quase a metade (1.191 ou 42,63%) também apresenta em seus currículos somente os cursos de especialização, apesar de, no quadro geral dos vários setores de atuação dos psicólogos, os docentes representarem o setor que mais procura os cursos de mestrado (do total de docentes, 733 profissionais, ou um índice de 26,23%, fizeram mestrado).

Essa procura pelo mestrado não modifica a questão levantada na última edição do *Jornal do CRP* (maio/junho) sobre a qualificação dos professores que estão formando novos psicólogos. Existe um índice de 22,30%, ou 623 psicólogos, que disseram trabalhar com docência, mas que possuem apenas a graduação. "Se considerarmos a soma dos profissionais que fizeram especialização (1.191) com os que fizeram apenas a graduação (623) em comparação ao número de profissionais que se dedicam à docência (2.794) teremos um número muito expressivo (1.814 ou 64,93%) de professores com pouca qualificação," afirmou Tozoni.

Embora pondere que entre os docentes estão incluídos os psicólogos que lecionam para cursos secundários, Tozoni reafirma seu raciocínio: "O número de psicólogos que dá aulas nos cursos secundários é muito pe-

queno, já que são poucos os cursos que têm psicologia em seus currículos. Portanto, podemos considerar que a maioria dessa população é formada por profissionais que lecionam em cursos superiores, o que apenas reitera as observações que já vimos fazendo sobre a qualidade do ensino que é oferecida pelos cursos de psicologia."

Por outro lado, os profissionais que trabalham nas áreas da educação e da saúde são os que mais procuram se qualificar. Do total de

27.718 profissionais que responderam ao recadastramento, existem 5.031 profissionais que trabalham na área da educação e 15.042 que trabalham na área da saúde. Considerando-se que do universo total dos profissionais que responderam ao recadastramento 11.437 possuem algum tipo de formação pós-graduada e que entre os que se dedicam à educação 2.519 responderam que já fizeram algum desses cursos, há um índice de 50,07% de profissionais

da área da educação que procuraram se qualificar após o término da faculdade. O mesmo acontece com a área da saúde, em que dos 15.042 que atuam na área nada menos que 6.485 profissionais (ou 43,11%) têm algum tipo de curso de pós-graduação. Isso coloca as duas áreas de atuação como as vencedoras no "ranking" de profissionais que apresentam maior qualificação, relativamente. Já no que diz respeito aos setores de atuação, os profissionais que atuam com psicotécnico apresentaram o menor índice de qualificação. Do total de 679 profissionais que atuam no setor, não há nenhum que tenha alcançado o nível de pós-doutorado, os doutores somam apenas 2 (ou 0,29%) e os mestres perfazem o número de 8 (ou 1,18% da população total). E, mesmo na especialização, em que se concentra a grande maioria dos profissionais que procuram pós-graduação, os profissionais do setor psicotécnico foram os que apresentaram o menor índice, ou seja, apenas 13,25% (90 psicólogos). Embora tais números não possam ser considerados como indicadores definitivos, são bons referenciais para uma avaliação de como andam as várias áreas e setores da psicologia.

	TOTAL	Pós-Graduados	%
Saúde	15.042	6.485	43,11
Educação	5.031	2.519	50,07
Trabalho Social	3.586	1.199	33,43
Outras	1.556	481	30,91
Outras	2.405	753	31,31
TOTAL	27.620	11.437	

Atividades profissionais dos Psicólogos Graduados e Pós-Graduados, segundo setor de atuação Estados de São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul 1996 (1)

SETOR DE ATUAÇÃO	Pós-Graduação								Graduação		Total	
	Especialização		Mestrado		Doutorado		Pós-Doutorado					
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
TOTAL	10.422	35,31	2.306	7,81	522	1,77	50	0,17	16.219	54,94	29.519	100,00
Consultório Particular	4.489	37,57	823	6,89	151	1,26	19	0,16	6.466	54,12	11.948	100,00
Hospital	523	39,47	84	6,34	15	1,13	0	0,00	703	53,06	1.325	100,00
Unidade Básica de Saúde Ambulatório ou Outro	331	33,23	25	2,51	1	0,10	0	0,00	639	64,16	996	100,00
Equipamento de Saúde Mental	426	36,50	54	4,63	7	0,60	1	0,09	679	58,18	1.167	100,00
Pronto-Socorro	10	28,57	2	5,71	1	2,86	0	0,00	22	62,86	35	100,00
Administração Central ou Regional	108	39,71	18	6,62	3	1,10	0	0,00	143	52,57	272	100,00
Docência	1.191	42,63	733	26,23	227	8,12	20	0,72	623	22,30	2.794	100,00
Pesquisa	184	34,65	151	28,44	55	10,36	6	1,13	135	25,42	531	100,00
Escola	699	30,13	114	4,91	15	0,65	1	0,04	1.491	64,27	2.320	100,00
Psicotécnico	90	13,25	8	1,18	2	0,29	0	0,00	579	85,27	679	100,00
Setor Organizacional	1.153	32,91	103	2,94	10	0,29	2	0,06	2.235	63,80	3.503	100,00
Setor Judiciário	110	29,41	17	4,55	1	0,27	0	0,00	246	65,78	374	100,00
Setor de Segurança Pública	51	24,17	4	1,90	0	0,00	0	0,00	156	73,93	211	100,00
Comunitário	229	30,78	34	4,57	6	0,81	0	0,00	475	63,84	744	100,00
Setor de Infância e Adolescência	356	31,53	38	3,37	7	0,62	0	0,00	728	64,48	1.129	100,00
Nenhum dos Anteriores	472	31,66	98	6,57	21	1,41	1	0,07	899	60,30	1.491	100,00

Fonte: C.R.P - 06; Recadastramento Profissional dos Psicólogos.

(1) O Recadastramento foi realizado no período de 03/06/94 a 31/05/95.

Nota: Inclui Cursos de lato sensu e stricto sensu.

LIVROS

Arte e loucura

RESENHA DE
JOSÉ LEON CROCHIK

João A. Frayze-Pereira,
Olho D'Água: *Arte e loucura em exposição*.
São Paulo,
Ed. Escuta/Fadesp, 1995

O livro de João Augusto é, a meu ver, uma obra fundamental para aqueles que desejam e, portanto, precisam se interrogar sobre duas formas de manifestação tão caras à nossa cultura: a arte e a loucura. O autor tece o ta ou pura é arte? A exposição da arte dos loucos é o desembarque da *Stultifera Navis - a nau dos loucos*, descrita por Foucault? Essa terra de desembarque é a pátria da liberdade da experiência trágica amordaçada? É um outro tipo de confinamento do inconsciente?

As interrogações, contudo, não visam respostas, mas a desenterrar outras perguntas que respondem por si mesmas, não por terem respostas, e continuam a suscitar a curiosidade. Tal qual um quadro que evoca inúmeras sensações, este livro nos evoca a necessidade de perguntar. Estas perguntas não são, todavia, desvinculadas nem daquele que pergunta nem daquilo que leva às interrogações. A obra, o autor, o espectador são examinados em suas relações, perturbando a dicotomia objetividade-subjetividade.

A loucura e a arte são manifestações das trevas que as luzes da razão tentam ocultar. No entanto, o estatuto da loucura e da arte não são semelhantes. O próprio nome da exposição - arte incomum -, que é o palco de onde brotam os objetos a serem analisados, revela que as dicotomias subjacentes à divisão normal-anormal estão presentes. Com essa dicotomia, aparentemente como mostra o autor, não é a loucura que se expõe, mas o louco. A estranheza que a obra do louco evoca, contudo, remete ao familiar, apagando a cisão entre o *público normal* e o *artista anormal*.

O pensamento dos autores que acompanham as interrogações de João Augusto - Foucault, Merleau-Ponty, Freud, Pedrosa, Dubuffet, Dufrenne, Nise da Silveira, Marilena Chauí - e o pensamento dos sujeitos da pesquisa -

aqueles que foram entrevistados na exposição - se complementam. Os diferentes níveis de discurso não são homogeneizados, mas também não são colocados em uma relação de subordinação ou de estranheza. Uma lição de método para nós psicólogos que, insatisfeitos com os métodos experimentais, dada a sua incompletude, se permitem uma outra relação com o objeto a qual faculta pensar o pesquisador como objeto que é, posto que determinado, e o objeto como sujeito da interrogação que assumimos. O rigor do estudo do autor não deixa nada a dever aos métodos científicos tradicionais, ele não abandona a busca da verdade, mas recupera a experiência do belo.

O objeto examinado no texto não se reduz à escuta psicológica nem tampouco à apreciação estética, não por-se assim não for, não estaríamos considerando que a arte do louco é incomum? Que o louco é incomum? Que o incomum não é o singular que expressa o universal?

A exposição da arte incomum, curiosamente, não é feita no subsolo, no porão, mas se realiza no terceiro andar. O visitante não deve descer ao Hades para se encontrar com a loucura, deve se elevar da superfície. Não é a essência-aparência que está em questão, mas a aparência enquanto essência. O objeto não deve ser desvelado em seu sentido original, mas significado, ou melhor, resignificado. As imagens não são deixadas de lado devido à sua impotência, mas olham para

aqueles que a olham. Olhar que um dos entrevistados, ao analisar uma obra, expõe com as seguintes palavras:

"Aqui ele divide o campo: os olhos, olhos inquisidores, às vezes. Eu tenho um irmãozinho de 4 anos, eu sinto esse olhar nele, esse olhar parado, sentido, vamos dizer, de quando quebrei um carinho dele e ele me olhou assim... Quando vejo esse olhar aí me dá vontade de chorar, não sei por que. Um olhar de criança sentida." (P. 159-160)

Difícil dizer quem é o sujeito no trecho citado: o autor do quadro, o quadro ou o espectador, uma vez que é o olhar do entrevistado que olha o olho do personagem da pintura, percebendo-o pedindo, cobrando algo.

Essa relação de intimidade entre aqueles três elementos, contudo, não exclui a possibilidade de uma nova se-foi condenada, a loucura encontrou nas linguagens da arte possibilidades para se expressar. Porém, o grito e a dor que com

elas imprime na superfície do visível podem não ser percebidas pelo espectador enquanto tais. Introduzindo nos espaços socialmente destinados aos ritos de celebração da "arte cultural", o louco ganha uma nova sacralidade: toma-se artista e, aos olhos do espectador, gênio. Porém, se dessa maneira perde o estigma que há séculos o acompanha, sua obra rompe com a loucura. Na moldura de uma exposição legitimada pela cultura, a expressão selvagem ganha o selo de obra de arte. E isto significa, como bem sabia Foucault..., que na sociedade contemporânea o confronto entre a loucura e a obra é bem mais peri-

goso que outrora: 'o jogo delas é de vida ou de morte.' (p.141)

O olhar comum e o incomum são confrontados no livro. Um ilumina o outro. Tão universal como a razão, a loucura expressa-se na arte-selvagem. Ideologia romântica? João Augusto se apressa em se diferenciar do romantismo. Não se trata, segundo o autor, de idealizar a exposição das obras dos loucos, mas de pensar se o fenômeno da loucura, através da arte, encontra outra forma de expressão na cultura. Se em algumas passagens tem-se a impressão de um maniqueísmo entre arte burguesa e arte bruta, arte clássica e arte de vanguarda, arte erudita e arte selvagem, a dialética se mantém ao longo do livro. Quando a interpretação de Adorno e Horkheimer do episódio das sereias da *Odisseia* de Homero é confrontada com a interpretação de Foucault da ternativas que se coloca, mas os descaminhos de nossa cultura marcada pela cisão. A melancolia presente no romantismo pertence ao burguês do qual Ulisses é o protótipo.

A Psicologia da Arte ou a Psicanálise da Arte não reduzem necessariamente a arte à ontologia psíquica. Essa afirmação é profundamente analisada através do texto de Freud sobre o Moisés de Michelângelo. A obra não se reduz ao seu autor. Ela é compartilhada, na sua autoria, por todos aqueles que lhe dão novos significados. A possibilidade de diversas interpretações, em contraposição à busca da verdade, da essência, do significado único, não abre mão da verdade, mas a coloca como um desvelamento constante que, como os sonhos, prescinde do tempo e do espaço. O que se busca é o objeto e não os conceitos sobre ele, estes são meios para chegarmos até ele, não devem ser colocados em seu lugar.

Se para Adorno a filosofia deve falar sobre o que se deve calar, ao contrário do que propõe o filósofo vienense, o "Olho D'Água" é um trabalho filosófico, pois fala da loucura e da arte naquilo que é silenciado. Neste livro, a arte-incomum é retirada do limbo que a linguagem psiquiátrica quis colocá-la e posta ao nosso olhar para que junto com ela possamos desembarcar do pesadelo da razão solitária.

José Leon Crochik
Docente do Instituto de
Psicologia da USP

OUTROS LANÇAMENTOS

A criança dada por morta

Riscos psíquicos da cura

Autora: Danièle Brun

À luz de sua experiência psicanalítica no meio pediátrico, a autora explica a situação paradoxal que consiste no não poder alegrar-se com a cura de um filho. A dificuldade de admitir que a criança está curada procede da sobrevivência da imagem de uma criança dada como morta. *Formato - 14X21 - 320 páginas*

Adolescência

o segundo desafio

Autor: Armando B. Ferrari

O tema da relação corpo-mente, em torno do qual se organiza sua proposta acerca do eclipse do objeto originário concreto (OCC), encontra nas vicissitudes da adolescência um terreno privilegiado de observação e confirmação. O novo vértice da observação propõe ao leitor participar de uma aventura de descobertas e propostas. *Formato 14X21 - 252 páginas.*

* Luiz Carlos da Rocha

Violência e cidadania

Hoje, quando as campanhas políticas evidenciam a proximidade das eleições para prefeitos, é impossível não recordar as trágicas circunstâncias que marcaram o pleito eleitoral passado. Em 2 de outubro de 1992, véspera da eleição, na ânsia de sufocar rapidamente um corriqueiro motim carcerário que poderia prejudicar a performance eleitoral de seus candidatos, o governo do Estado de São Paulo promoveu, através de sua Polícia Militar, a invasão armada da Casa de Detenção da capital. No episódio, registrado pela imprensa internacional como o maior massacre penitenciário da história universal moderna, foram executados 111 prisioneiros já desarmados e previamente rendidos. Testemunhos colhidos por entidades civis e observadores independentes evidenciaram que não só a tropa agira sob condições de comando, como também revelara especial zelo em confirmar cuidadosamente o cumprimento de seus objetivos letais. Dentre os presos vitimados, a grande maioria foi atingida justamente perfuração direta no coração. Entre os policiais, no entanto, nenhuma vítima sequer para respaldar a hipótese de um pretense combate. Hoje, entretanto, passados quase quatro anos do brutal massacre que estremeceu o mundo, nenhum dos responsáveis foi punido.

Depois do massacre do Carandiru, em 92, viria o da Candelária e o de Vigário Geral, ambos no Rio de Janeiro, respectivamente em 23 de junho e 29 de agosto de 1993. Em seguida tivemos Corumbiara, em Rondônia, a 9 de agosto de 1995 e, mais recentemente, em 7 de abril passado, o terrível Eldorado dos Carajás, no Pará.

Mas o que têm em comum esses massacres? Justamente aquilo que caracteriza a linha-mestra da violência brasileira: as vítimas são sempre pobres, pessoas carentes de bens e de direitos. No Carandiru, foram 111 prisioneiros pobres, a maioria condenada por crimes de pequena monta con-

tra a propriedade, alguns com pena vencida. Na Candelária foram 8 meninos de rua, em Vigário Geral 21 moradores de uma das inúmeras favelas que proliferam nas cidades brasileiras. Em Corumbiara foram 10 e em Eldorado 19 agricultores sem-terra que, com suas famílias, acampavam em terras improdutivas que desejavam lavrar.

Mas não só as vítimas desses acontecimentos - por suas origens pobres e seus destinos trágicos - apresentam características comuns. Do outro lado, os que perpetraram esses crimes, salvo muito rara exceção, todos faziam parte de certa corporação de combate organizada durante a ditadura militar à sua imagem e semelhança: as polícias militares estaduais que, como se isso fosse compatível com o estado de direito, fazem seus próprios regulamentos, estabelecem seu treinamento e possuem uma justiça própria que, em muitos casos, lhes têm garantido cômoda impunidade. Não se deve estranhar, portanto, que essas organizações

mílias com a insuficiente remuneração que recebem e, mesmo assim, não medem esforços para trabalhar de acordo com as melhores expectativas de cidadania que neles se deposita. Estes não querem nem precisam da tolerância de uma justiça própria, nem vêm com bons olhos as condutas criminosas e o direcionamento institucional violento que traz a desconfiança pública para a corporação que querem honrada. Entretanto, a participação significativa de policiais militares na violência extra-legal e criminal é hoje amplamente atestada pela imprensa, por entidades civis nacionais e internacionais e já se constitui em convicção pública e inegável, contestada apenas por acumpliciados daquelas práticas condenáveis. Não por acaso, no comando das tropas que cometeram a bárbara matança do Carandiru estavam oficiais que respondem a dezenas de inquéritos por morte. Não sem motivo no centro dos acontecimentos trágicos de Eldorado evidenciou-se uma

viés com qualquer noção de cidadania - é absolutamente necessário que se apure com seriedade as responsabilidades e se aplique rigorosamente as punições de lei.

Para bem além dos macro efeitos dos grandes massacres, a repetição dessas tragédias e a insuportável impunidade desses barbarismos espalham um mal-estar insidioso. Abatem a confiança de cada um nas estruturas de representatividade e disseminam a desesperança. Provocam um encolhimento da sensibilidade e uma redução da capacidade de indignação, que também se dobram à repetição e falta de consequência. O resultado pode ser a banalização e esvaziamento do trágico, e isso parece estar acontecendo na mídia e - não sejamos onipotentes - em cada um de nós. Exemplo dessa circunstância pode ser encontrado nas folhas do jornal do mesmo dia que escrevo este artigo: nele também se noticia uma chacina, dessa vez ocorrida em Franco da Rocha. As vítimas são três jovens, Gilberto, Guilherme e Miguel, çã de chamar a atenção encontrados num dade da situação produtora de tanta violência, registra que aquela é a 28ª chacina deste ano na grande São Paulo. Entretanto, dedica à questão o quarto inferior da página, de resto toda ocupada por uma vistosa matéria sobre uma suposta desavença doméstica entre Vera Ficher e não me lembro quem. E o mais patético é que ambas as matérias, a manchete sobre o mau-humor da estrela global e a subalterna nota sobre a chacina dos três rapazes compunham, juntas a primeira página de um caderno cujo título é COTIDIANO.

Diante de sintomas tão evidentes de desagregação de nosso sentido ético, se alguém nos perguntasse, no Brasil de hoje, por quem os sinos do-ram, temo que a resposta seja conhecida. Dobram por nós.

* Luiz Carlos da Rocha é doutor em psicologia social e professor do curso de psicologia da Unesp - Campus de Assis.

"HOJE HÁ BANALIZAÇÃO E ESVAZIAMENTO DO TRÁGICO. ISSO ESTÁ ACONTECENDO NA MÍDIA E EM CADA UM DE NÓS."

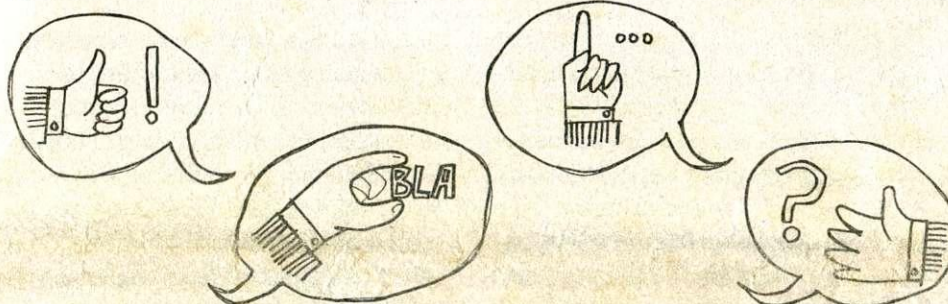
estejam fortemente afeiçoadas a práticas violentas extra-legais e profundamente penetradas de todos os crimes que, por suposição institucional, deveriam combater com os métodos da lei: grupos de extermínio, tráfico, assaltos, seqüestros, extorsão. Que não se diga, no entanto, que todos os seus componentes participam ou ofereçam apoio a práticas criminosas. Bem pelo contrário, a grande maioria dos policiais militares é formada por cidadãos honestos, que enfrentam sérias dificuldades para manter suas fa-

polícia que cumpria ações criminosas por encomenda de latifundiários. Impõe-se, portanto, uma constatação necessária: se quisermos enfrentar eficientemente o problema da violência social, precisamos de reformas substanciais que distribuam a renda e efetivem direitos de cidadania. Mas precisamos, também, de uma força policial que não seja cúmplice e multiplicadora das violências que ela tem o dever institucional de controlar. E, se pretendemos interromper a seqüência de massacres - incompatí-

SEMINÁRIO

Candidatos à Prefeitura discutem saúde pública com psicólogos

O CRP promove, em parceria com o Instituto Sedes Sapientiae, a Associação SOS Saúde Mental, o Sindicato dos Psicólogos no Estado de São Paulo e o Sindicato dos Bancários, o seminário "Políticas públicas em saúde mental". O evento acontece nos dias 16 (17h) e 17 de agosto (a partir das 9h), no Instituto Sedes Sapientiae, à rua Ministro Godói, nº 1484 - Perdizes, para o qual estão sendo convidados os candidatos à Prefeitura de São Paulo.



Segundo os organizadores, o seminário pretende aprofundar os pressupostos teóricos da reforma psiquiátrica a partir das suas práticas, destacar o

papel dos atores sociais envolvidos na construção dos governos municipal, estadual e federal, dos movimentos organizados e dos trabalhadores em

saúde mental. Pretende ainda avaliar o impacto da atual conjuntura econômica sobre as políticas de saúde mental e conhecer e debater as propostas político-partidárias para o setor.

Durante o evento será realizada uma feira com exposição de painéis fotográficos, vídeos, livros, artesanato e camisetas. As discussões serão feitas em grupo e em plenária. O evento será gratuito e aberto a todos os interessados. Informações na Sede do CRP pelo telefone 574-7133.

CONHEÇA A PROGRAMAÇÃO DO EVENTO

Sexta-feira dia 16/08/96
a partir das 17 horas

TEMAS

- "O impacto das políticas públicas na formação do profissional em saúde mental" (a ser proferida por representante do Instituto Sedes Sapientiae)
- "Produção do sofrimento mental a partir da vivência do trabalhador de saúde mental" (a ser proferida por José Carlos Moreira de Mello, do Fórum Paulistano de Saúde Mental)
- "Saúde mental, cidadania e qualidade de vida - a prática intersetorial em saúde mental" (a ser proferida por Isabel Cristina Lopes, coordenadora da Associação SOS Saúde Mental de São Paulo)

- "Desinstitucionalização - da clausura à liberdade, da tutela à autonomia" (a ser proferida por representante da entidade Pensão Protegida de Ribeirão Preto)
- "Gestão popular das práticas em saúde mental" (a ser proferida por representante da Associação 18 de Maio de São Paulo)

Sábado dia 17/08/96

Abertura às 9 horas

Apresentação do Coral Cênico de Saúde Mental de São Paulo

**PARTICIPE!
DISCUTA!
DEFENDA A
SAÚDE PÚBLICA!**

TEMAS

- "Arte e saúde mental - a estética na saúde mental" (exposição de aproximadamente 5 minutos de Reinaldo, membro da Loucuriação)
- "A prefeitura e a política de saúde mental" (a ser proferida por Domingos Sávio Alves do Nascimento, coordenador de saúde mental do Ministério da Saúde), com a participação dos candidatos ou seus representantes à Prefeitura de São Paulo: Celso Pitta, Francisco Rossi, Luiza Erundina, José Serra e outros.

14 horas

Processamento do seminário em grupos e avaliação das propostas de encaminhamento.

Informe publicitário

DISQ FREUD®

SP - (011) 815-3344 BIP 6R29
RJ - (021) 442-2430

**Obras completas,
nova edição, garantia
Super promoção**

Português - 24 vols. - Editora Imago
à vista 420,00 ou 2 x 220,00
ou 3X 155,00 ou 4 X 120,00
Castelhano 25 vols. - Editora Amorrortu
Espanhol 3 vols. - Editora Nueva
Traduções do Alemão - Sob consulta

Atendemos
em todo
o Brasil

**Entrega a
domicílio**

CGC 72.082.308/0001-34

JORNAL DO

CRP

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA
6ª REGIÃO

Rua Borges Lagoa, 74

Fone: (011) 574-7133

Fax: (011) 575-0857

CEP: 04038-004 - São Paulo - SP

IMPRESSO

